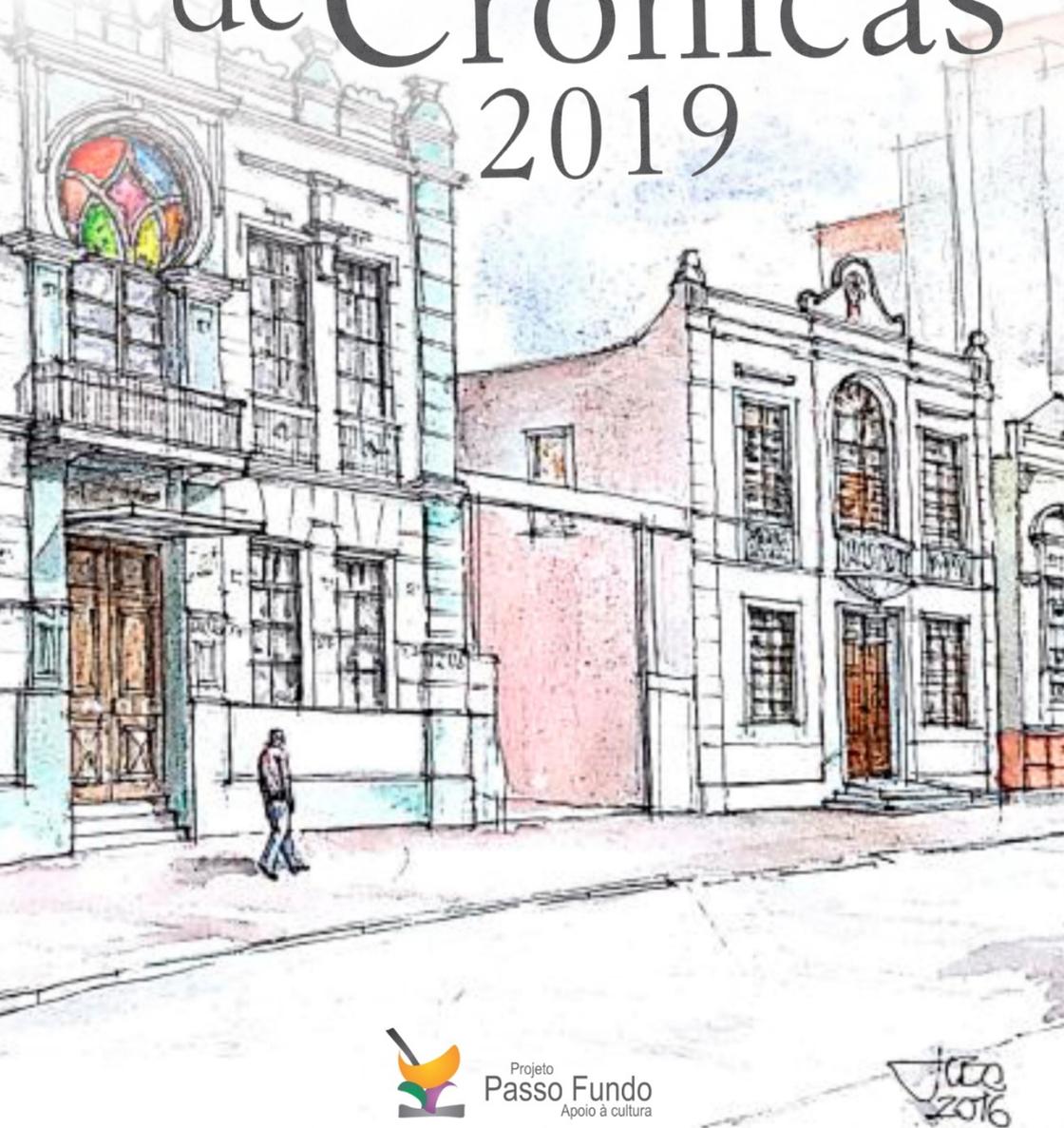


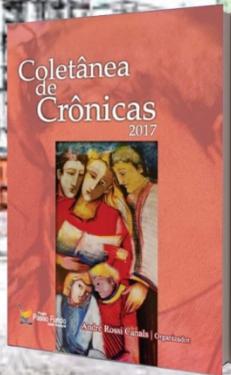
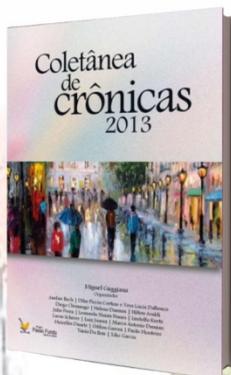
Organizador Jorge Alberto Salton

Coletânea de Crônicas 2019



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2016





K

Organizador
Jorge Alberto Salton

Coletânea de Crônicas 2019

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição, Setembro 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Tânia Du Bois e Pedro Du Bois

Capa: Desenho de Luiz Carlos Barbieux Oliveira, Espaço Cultural Roseli

Preto , nanquim e aquarela, papel coton, 24 x 32 cm;

C694 Coletânea de crônicas [recurso eletrônico] : 2019 /
organização de Jorge Alberto Salton. – Passo
Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

6,5 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-415-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<http://www.projetopassofundo.com.br>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
I. Salton, Jorge Alberto, org.

CDU: 869.0(81)-94

Apresentação

A crônica não é um “gênero maior”. Não gera nenhum Prêmio Nobel. Portanto, é um “gênero menor”. Ainda bem. Pois na sua despreensão, humaniza. Como escreveu Antonio Cândido, “graças a Deus” que a crônica é assim pois, sendo assim, ela fica perto de nós.

Neste livro, os textos mantêm o ar despreocupado de uma conversa fiada. Despretensiosa. Cada escritor conta o que quer contar. Do jeito que quer. Como resultado, temos um “ar de família”. São os “nossos” falando sobre nós.

Boa leitura!

Sumário

Apresentação 5

Histórias Fantásticas

por Alerte Maria Lodi 11

A Promessa

por Ana Maria Baibich Melnick 17

Somos Todos, Outonais

por Anne Scher 19

Retornos não existem

por Anne Scher 23

Bruxas no Mar de Itaguaçu

por Carlos Job 25

Gran Circo Sur Americano

por Carlos Job 27

Papa Negro

por Carlos Job 31

Que Sorte!

por Celso Menegaz 35

O Enigma da Agonia

por Diego Chimango Vargas 39

Se Permita Voar

por Elisa Frana 45

O Remédio

por Francisco Carlos dos Santos Filho 49

A Saga de um Vestibulando

por Gilberto Borges Bortolini 51

Casamento e Morte

por Gilberto R. Cunha 55

O Sonho de Emily

por Gilberto R. Cunha 57

Onde está a criatividade na sua vida?

por Jéssica Limberger 59

Quem torce por ti?

por Jéssica Limberger 61

Vamos refletir sobre a depressão?

por Jéssica Limberger 63

Futebol, o Truque

por Jorge Alberto Salton 65

Loucura

por José Carlos Ramos Berton 77

A Gauchita de Soledade

por Juliana Santos 79

Reis, Craque na bola e na vida

por Marco Antonio Damian 81

A Figurinha que faltava

por Marco Antonio Damian 85

O Heroico feito de Churchill

por Marco Antonio Damian 89

- Uma Moeda e Um Segredo*
por Marlene Kremer 91
- O amor é lindo!*
por Miguel Augusto Guggiana 95
- La Bella Polenta*
por Miguel Augusto Guggiana 99
- A noite passada eu sonhei*
por Moacir Luís Araldi 101
- Ano novo*
por Moacir Luís Araldi 103
- O Envelhecer de Nossos Pais*
por Piti Ochoa Ughini 105
- Catuaba turbinada*
por Roque Gilberto Annes Tomasini 107
- O banco na colônia*
por Roque Gilberto Annes Tomasini 109
- Senador o microfone é seu*
por Roque Gilberto Annes Tomasini 111
- Tarzan e a expressão amigo*
por Roque Gilberto Annes Tomasini 113
- O alienígena que deu fama mundial a Passo Fundo*
por Samuel Schneider 115
- Pequenezas!*
por Sueli Gehlen Frosi 117
- Insatisfação*
por Tania Du Bois 119

Saudades III

por Tania Du Bois 121

Poder do Desejo

por Tania Du Bois 123

Permeabilidade

por Tiago Ribas 125

Andando a Passo Fundo

por Tiago Ribas 129

Catarina

por Tiago Ribas 133

Meu primeiro formaldeído

por Vanessa Locatelli Pietrobelli 135

Paliativos

por Vanessa Locatelli Pietrobelli 137

Croniconto

por Vanessa Locatelli Pietrobelli 139

1930

por Vanessa Locatelli Pietrobelli 141

Os Autores 143

Histórias Fantásticas

por Alerte Maria Lodi

Admiradora do “Acredite Se Quiser” e do “O Impossível Acontece”, venho colecionando histórias assim, com maior interesse sobre temas locais, ou próximos. Em algumas histórias, os nomes foram intencionalmente mudados, a fim de resguardar a privacidade dos personagens ou de seus descendentes.

Presidente dos Estados Unidos em Cruz Alta

O presidente Theodore Roosevelt (1858 -1919), ao encerrar sua carreira política em 1912, veio ao Brasil para conhecer a floresta amazônica. Enfrentou corredeiras, animais selvagens e ataques de índios, por pouco não perecendo.

Além de naturalista e explorador, era criador e, pelo menos duas vezes, esteve em Cruz Alta. Veio em visita ao seu amigo, General Firmino de Paula, e para conhecer as inovadoras técnicas de criação de gado, que este desenvolvia. Existe a foto de uma dessas visitas, na qual Roosevelt examina e até mesmo pega uma serpente brasileira.

Precursor do fascismo morreu em Passo Fundo.

O Dr. Emilio Borghetti (1864 - 1926) formou-se como oftalmologista na Universidade de Pádua- Itália. Revalidou seu diploma na Nova Zelândia, Estados Unidos, Guatemala e Bolívia. Clinicou também na África do Sul e Austrália.

Foi escritor e conferencista, possuidor de vasta cultura e muito talento. Publicou várias obras sobre a sua especialidade médica, e também sobre política social. A obra “CAPORETTO E LA TERZA ITALIA” - uma crítica ao governo italiano serviu de precursora ao “fascismo”. (275 páginas)

Caporetto foi uma batalha da Primeira Guerra Mundial, travada em 1917, na atual Eslovênia, em que se confrontaram os exércitos do Reino da Itália e os do Império Austro-Húngaro, aliado aos alemães. Estes últimos, além de estarem sob o comando do famoso general Erwin Rommel, utilizavam modernas técnicas militares. O exército italiano, que não contava mais com o gênio militar de nosso herói farroupilha, Giuseppe Garibaldi - o unificador da Itália - sofreu desastrosa derrota.

Também publicou, em 1923, “ABBASSO IL PARLAMENTO - A BENITO MUSSOLINI - LETTERA APERTA DI UM RIMPATRIATO”, com 94 páginas.

Faleceu em 21 de fevereiro de 1926, em sua residência, na rua Capitão Eleutério, em Passo Fundo. Seu filho Britannico, nascido em Wellington, na Nova Zelândia, que com 21 anos já era engenheiro, morreu tragicamente ao tentar salvar a vida de um operário, em 27 de setembro do mesmo ano.

O Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul, em sua seção de biografias, menciona o Dr. Emílio Borghetti como um dos precursores do Fascismo.

Precursor da chuva artificial residiu em Passo Fundo.

O Dr. Frederico di Carlo de Marco, (1865-1960) residiu e clinicou algum tempo em Passo Fundo. Posteriormente, retornou a Araraquara - SP, sua cidade natal. Era médico cirurgião, cientista, professor e inventor. Ele próprio fabricava seus instrumentos científicos.

Em 1944 trocava correspondências com Albert Einstein, quando fazia experiências sobre o efeito da colisão de fótons.

Realizou pesquisas na área de transmissão de energia à distância, na inovação de instrumentos cirúrgicos e na interação do magnetismo com a biologia.

Ganhou o apelido de “O Manda chuva” devido a ter jogado de um avião, num dia ensolarado de 1940, sais de iodeto de prata, sobre as nuvens da praça central de Araraquara, provocando chuva artificial.

O feito ficou conhecido internacionalmente, registrado em uma placa de bronze e lhe rendeu a indicação, em 1960, para o Prêmio Nobel de Física. Frederico de Marco teve reconhecimento internacional e recebeu convites para trabalhar no exterior, mas, nunca aceitou. Costumava dizer às pessoas: “Jamais usufruirei vantagens financeiras dos meus inventos e descobertas. Sou um intérprete de Deus. Um intermediário entre Ele e a humanidade. O resto não importa.” Em Araraquara existe a Avenida Cientista Frederico de Marco.

O historiador passo-fundense, Antonino Xavier e Oliveira, que o tinha na mais alta consideração e apreço, assim o descreve: “Em sua modéstia se esconde uma verdadeira compleição de sábio, consagrada por brilhantíssimos subsídios à ciência, mercê dos quais tem recebido as mais honrosas referências de altas mentalidades quer no Brasil, quer no estrangeiro.”

Pároco em Passo Fundo - Bispo em Nova York.

O Padre Valentim Rumpell foi pároco em Passo Fundo e em Não Me Toque, onde existe uma rua com o seu nome.

Os Rumpell, que são originários de Sussex - Inglaterra, emigraram para Nova York. Os registros da família, datam do ano 1066. No sucesso de sua carreira episcopal, o Padre Rumpell retornou a Nova York, onde teve o mérito de ser consagrado bispo, hierarquia em que permaneceu até a morte.

De volta à vida, graças às joias.

Esta história ouvi de duas fontes diferentes, mas, com dados vagos; acredito que seja verdadeira. O local seria na região de Soledade, ou proximidades, no meio rural, e teria acontecido há muito tempo.

Trata de uma senhora que possuía muitos anéis, correntes, pulseiras, medalhões, pregadores e brincos, tudo de bom ouro, dos quais se orgulhava muito.

Dizia que, quando morresse, queria ser enterrada com todas as suas joias. Mas, dada a sua condição saudável, isso parecia ser algo muito remoto, senão uma mera forma poética de expressão. Mas, um dia essa senhora acabou morrendo repentinamente. O sepultamento foi feito na terra, a sete palmos de fundura.

A família estava em casa, já era tarde da noite e ninguém conseguia dormir, todos muito sentidos e ainda em lágrimas.

Eis que alguém bate à porta.

Era a senhora recentemente falecida. Viera caminhando do cemitério, ainda debilitada, e portando todas as suas joias. Alguns vizinhos, que estiveram no funeral e viram as valiosas joias de ouro, desenterraram o caixão à noite para roubá-las. Mas, ao destampá-lo, o ar frio reanimou a senhora, que abriu os olhos, recuperando-se de uma crise de catalepsia, que a fez ser tomada como morta.

Os ladrões fugiram apavorados. A senhora pode até reconhecê-los, mas a família resolveu não revelar esse detalhe, pois, apesar da intenção má, eles haviam salvo a vida dessa senhora.

Um Funeral previsto (mas com imprevistos)

O Professor Faustino lecionava piano e matemática, era astrônomo, historiador, farmacêutico e empresário. Incentivador da arte, promovia a vinda de grupos teatrais e de artistas diversos. Também, era jornalista e poeta. Bem sucedido em todas essas atividades era muito relacionado e estimado na cidade.

Talvez, porém, um tanto excêntrico e até teatral. Em pleno vigor de seus 35 anos, considerou o fato de que sendo todos nós mortais, um dia inevitavelmente também iria morrer. Que essa era a realidade inevitável, a qual nada adiantaria ignorar.

No calor dessa teoria, comprou antecipadamente seu próprio ataúde. É imaginável o desgosto que deve ter causado a seus familiares, a presença daquele macabro trambolho dentro de casa.

Felizmente, as diversas atividades tomavam a sua atenção, e o caixão acabou sendo guardado e esquecido no fundo do porão da casa.

Passou-se meio século e um dia o professor Faustino faleceu. Quando comprou o caixão, aos 35 anos, o professor Faustino pesava 75 quilos. Agora, aos 85 anos, estava pesando 130 quilos. Mal coube no caixão. O funeral foi em sua casa, com grande afluxo de pessoas de todas as classes sociais, que queriam dar seu adeus ao estimado professor Faustino.

Discursos emocionados, muitas homenagens, inúmeras coroas, muitas orações, a encomendação e, por fim, o triste momento de tampar o caixão.

Quando o féretro descia a escadaria, o fundo do caixão, que estava comido por cupins, cedeu e o corpo do infeliz professor caiu sobre o mármore dos degraus. Foi preciso vir um caixão novo.

A Reencarnação (de uma dentadura).

Dona Josephina morreu apendicite aos 41 anos, em 1901, deixando seu filho Jesuíno, com apenas três meses de vida.

Nunca faltou carinho materno ao pequeno órfão, pois Dona Hortênsia, sua tia paterna, que não tivera filhos, cuidou dele como a mais dedicada das mães.

Jesuíno cresceu saudável, sob o olhar carinhoso de D. Hortênsia, a quem chamava de “mamãe”. Era um tanto traquinas. Frequentemente D. Hortênsia o repreendia, mas, “Coitadinho, perdeu a mãe aos três meses de vida”!

Adolescente, Jesuíno montava em pelo no cavalo de seu pai e disparava a galope pelas coxilhas afora, saltando sobre porteiras e valos.

Era um excelente cavalo, branco, bem novo, que seu pai já se-xagenário ganhara de presente e que, devido à saúde abalada, quase não montava. Quando foi montá-lo o cavalo quase o derrubou. Tão acostumado ficara com as correrias e saltos do Jesuíno que o velho não se arriscou mais a montá-lo.

Jesuíno gostava de ir à missa, para prender com alfinetes as barras dos vestidos das senhoras, absortas em devoção. Terminada

a missa, elas se enroscavam e se desentendiam, para o gáudio de Jesuíno. Também, tinha um furão que se escondia sob os degraus da escada do armazém de seu tio e passava suas mãozinhas geladas nos pés das moças, causando-lhes sobressalto e, às vezes, roubando-lhes um chinelo.

Certa vez, deve ter morrido algum parente, abriram o jazigo, e Jesuíno viu os restos mortais de sua mãe biológica. Que triste maneira de conhecer a mãe!

Jesuíno não se impressionou muito. Chamou-lhe a atenção um estranho objeto. Era uma dentadura. Pegou-a, pensando em dar com ela um grande susto na D. Hortênsia. Mal podia esperar tal momento. Qual a sua surpresa, pois, quando mostrou a dentadura, D. Hortênsia disse calmamente: Ah! A dentadura da Josephina! Essa dentadura me servia. “Me dá cá ela!”

D. Hortênsia a lavou bem e a usou até sua morte, em 1939, quando então a dentadura retornou ao jazigo.

Há poucos anos um parente contou a seu dentista a história da dentadura. Esse declarou que a dentadura de uma pessoa não serve em outra e, portanto, a história não tinha qualquer fundamento.

Durante uma reforma no jazigo, esse parente pegou a dentadura para mostrar ao dentista, inconformado que ficara com sua incredulidade. Ele admirou a qualidade do material e, sobretudo, a tecnologia odontológica já disponível antes de 1900. Admitiu que, tratando-se de uma meia arcada superior, com uma câmara de sucção, poderia realmente servir em outra pessoa. Tão impressionado ficou que não parava de lhe bater com um daqueles ferrinhos de dentista, admirando a dureza dos dentes e até a pediu emprestada, para mostra-la em congresso odontológico no Rio de Janeiro.

A Promessa

por Ana Maria Baibich Melnick

Ele era um homem sério. Sofisticado, culto, viajado e sozinho. Para mim um homem triste. Ele era meu avô do coração. Uma promessa teve uma importância enorme em sua vida!

Filho único de um fazendeiro muito rico na fronteira com o Uruguai. Seu pai, também filho único, era casado com a filha única de fazendeiros.

Nunca soube como, mas, ele era primo do meu avo materno e, principalmente, o seu melhor amigo. Arrependo-me muito de não haver perguntado mais coisas de família para meus avôs e meus pais. Hoje, teria muitas perguntas.

Cursou e se formou no segundo grau, na Suíça. Numa das viagens que sua mãe fez para visita-lo, ela adoeceu e morreu. Foi trazida de navio para o Brasil sendo enterrada em Jaguarão, onde morava.

Na sua volta ao Brasil, foi para Porto Alegre cursar agronomia. Por lá ficou toda a vida. Passou a maior parte da vida viajando sozinho pelo mundo; literalmente, quase todo o mundo.

Meu avô do coração, sendo homem sem família, era muito família. Lembrava todas as datas e de todos, sempre se fazia presente. Fazia questão de manter todos por perto. Fazia almoços onde reunia todos.

Tinha 4 afilhados que se tornaram a sua família, entre eles estava a minha mãe. Por consequência, o tínhamos como vô. Nas minhas mais queridas lembranças lembro-me do vô, nos meus aniversários, trazendo o bolo, sempre deslumbrantes, maravilhosos, inesquecíveis. Os que mais lembro são de um palhaço lindo, um gato de botas feito de balas de coco, uma cama com todas as cobertas e travessei-

ros que era o bolo, com uma menina deitada. Lembro-me deles como se os estivesse vendo agora.

Esses bolos eram feitos por uma boleira muito talentosa, que eu conhecia como amiga do vô, a Chiquita.

Ela era a segunda filha de uma família muito religiosa de Porto Alegre. Quando moça foi noiva do meu avô. Eram jovens, felizes, apaixonados e estavam de casamento marcado.

Num determinado momento a irmã mais velha da Chiquita, que era casada e tinha dois filhos, ficou muito doente. Estava muito mal e com risco de vida.

Chiquita, como era muito religiosa, fez uma promessa para salvar a vida da irmã. Prometeu que se ela se curasse ela não se casaria mais.

A irmã de Chiquita se curou. Como havia prometido, ela desmanchou o noivado com meu avô e nunca mais teve ninguém. Ficou solteira toda a vida.

Ele, por sua vez, nunca mais teve outro relacionamento. Ficou solteiro toda a vida. Acho que foi a partir daí que passou a viajar tanto.

Meu avo tinha uma pessoa, que trabalhou para ele por quase toda vida, a Santa, que fazia os deliciosos almoços.

Quase no fim da vida do vô, a Santa nos contou que ele e a Chiquita estavam se encontrando Escondidos, e ficaram assim até o fim de suas vidas.

Espero que tenham conseguido viver e aproveitar o que a promessa não deixou.

Somos Todos, Outonais

por Anne Scher

“Repara que o outono é mais estação da alma que da natureza.”

Carlos Drummond de Andrade

Somos sazonais...

Enquanto mudamos e evoluímos conforme a idade, fase ou época da vida nossa sazonalidade vai mostrando uma característica intrínseca, que nos molda, nos é parte.

Assim como as estações do ano, ligadas à mutabilidade da natureza, do clima e de tudo que deles depende para estarmos vivos, somos seres de estações múltiplas...

Nascidos para florir, na visível beleza e alegria das flores que surgem na primavera, nossas vidas também florescem joviais e renovadas a cada novo ciclo, seja iniciado na tenra infância ou nas múltiplas renovações que nos são permitidas repetir ao longo da existência.

No auge de conquistas, objetivos alcançados, batalhas vitoriosas, amores, liberdades e paixões são momentos em que vivenciamos na pele o calor do verão e todas suas sensações e euforias.

Quando “invernamos”, junto da estação mais fria e na ausência de cores e calores, experimentamos aqueles períodos de estagnação, de reflexão, de sentir perdas e avaliar ganhos, de fazer balanços, rever objetivos ou, mesmo, tão somente, de se aninhar em nós. É quando buscamos nos aconchegar naquilo/naqueles que nos aquecem, quando o frio insiste em querer entrar.

Todavia, no outono de nós mesmos, é que esta estação da natureza se revela nossa própria estação; uma passagem peculiar da alma de cada um, no seu momento de desnudar-se e preparar-se para novos ciclos.

Nos nossos outonos a alma não tem a clareza radiante do sol, nem o colorido das flores, mas, tampouco se mostra toda escuridão gelada.

No dizer poético de Drummond, em “Fala Amendoeira”, pegamo-nos meio “desorganizados” e, parafraseando seus versos, vamos carregando conosco um resto de verão, uma antecipação de primavera e mesmo, reparando bem no vento que nos assola pelas madrugadas; somos espreitados por algum indício de inverno.

Em identidade com os galhos que se percebem sozinhos, abandonados por suas folhas que, livres, se lançaram em voo solo levadas pelo vento sereno e morno do outono; também nós, quando “outonamos” nos percebemos desnudos de tantas coisas que não nos compõem mais... Desfolhamo-nos por vontade própria ou não, mas, por certo se vai de nós aquilo que não mais deveria estar, que não deveria mais ficar. Perdas também são necessárias para que o novo se instaure...

Bom é saber que, da mesma forma natural que a primavera da natureza, também nós voltamos a florescer depois de um período de galhos expostos. Não sem antes, necessariamente, passarmos por um período gélido de desafios e fortalecimentos: os nossos invernos pessoais, que vem zunindo em ventos fortes e batendo portas, forçam que nos fechemos e nos protejamos do frio que, por vezes, alcança a alma... Após e novamente, em eterno ciclo, com o calor de uma nova estação, resplandecemos mais uma vez.

Melhor que transponhamos esta estação de forma a assimilar as folhas que se vão, as fragilidades que se mostram na nudez de nossos galhos expostos e que, no decorrer dos dias temperados, com climas amenos e cores restritas – mas não menos belas, preparemo-nos para as novas florações... Mais uma vez, trazendo Drummond, que nos “outonizemos” com paciência e doçura:

“...sou tua árvore-de-guarda e simbolizo teu outono pessoal. Quero apenas que te outonize com paciência e doçura. O dardo de luz fere menos, a chuva dá às frutas seu definitivo sabor. As folhas caem, é certo, e os cabelos também, mas há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves...

Outoniza-se com dignidade, meu velho.”

Afinal, somos todos sazonais. Outonais...

Retornos não existem

por Anne Scher

A placa à frente indicando retorno em tantos metros, só existe nas pistas e vias de circulação de carros. Não foram feitas para a vida das pessoas e não adianta se deixar ir levando pelos enganos ao longo da estrada, aguardando que em seguida a tal sinalização venham novas chances de retroceder. Seguir em tal ou qual direção exige passos à frente, sempre à frente.

Veja só, errar, arrepende-se, desistir e parar, que seja; nada disso abre a possibilidade de voltar, retornar. Pode-se, sim, fazer novas escolhas, seguir outros rumos, decidir por novos destinos. Mas voltar, não.

Equivoca-se quem diz - e pior, acredita -, poeticamente, que há sempre como retornar ao ponto de onde se caiu, para dali, levantar-se e continuar. Com o perdão dos discordantes, a vida é isso mesmo: caminho sem volta. É experiência nua e crua, de ônus inerentes a cada escolha e bônus, também, claro. Mas, sempre em frente, na busca de um futuro que se distancia de forma proporcionalmente maior com o passar dos dias e do longínquo passado que para trás ficou.

Aliás, o futuro sequer existe. Ele é mero anseio de um presente que se está vivendo. É ainda menos real do que fora o passado, pois esse, de fato um dia também foi presente, e dele se podem guardar recordações de momentos vividos, resgatar lições. Desta forma, inexistindo o futuro e sendo inevitável a impossibilidade de retornar ao passado, não parece mais sábio - para não dizer óbvio, que resta apenas o aqui e agora?

Nos devaneios de “retornar ao ponto de onde errou”, consome-se tempo precioso do “seguir adiante de onde parou”. Até, porque a

vida é nada estática e nunca o tal ponto onde se errou estaria lá atrás, paradinho, esperando o regresso do viajante arrependido.

Por mais complexo e abrangente que seja o tema - que aqui não se busca discorrer - das tantas vidas que se pode viver, certo é, pelas experiências evolutivas que o ser humano vivencia, que não há chances de retorno nessa específica existência terrena, cuja trajetória quase nunca é retilínea e não possui placas de retorno.

Atente-se às outras “placas de sinalização” ao longo do percurso: de refúgio para o descanso momentâneo e reflexões sobre quais rumos tomar; de atenção quando é preciso refrear pensamentos e avaliar ações; PARE quando todo o caminho está por perder-se e seja necessária uma nova programação na rota traçada... Enfim, siga em frente, sempre.

Bruxas no Mar de Itaguaçu

por Carlos Job

Itaguaçu: palavra de origem indígena, “Pedra Grande”. É o nome da praia na parte continental de Floripa-SC, digna de visita.

Sorvo esta dos contadores de histórias, Franklin Cascaes e Peninha.

Quem for à praia irá se deparar com um conjunto de pedras mar adentro, magnífica formação geológica, segundo estudiosos do ramo.

Mas, o certo, o acontecido, o veritas veritatum, o quase indizível e que permeia a história é o que agora relato.

Peço cuidado. Aos visitantes, um alerta. O olhar deve ser desprovido de maldades e inquietações psicológicas. Segundo relatos, na quase linha tênue da loucura, o pensamento retorna na razão inversa, mas com força elevada ao cubo. Motivo, dizem, da superpopulação do Instituto Psiquiátrico, ali perto.

O aviso está dado!

O fato que ora narro é verdade e dou fé! Estou proibido de revelar minhas fontes, além do já revelado.

Em tempo imemorial, as Bruxas (lindas, lábios carnudos, colos perturbadores, cinturas finas e ancas magistras...) resolveram fazer uma festa bailante, nos moldes do que acontecia na alta sociedade.

Escolheram o local - Praia de Itaguaçu, lugar de abundante natureza, onde mar e terra se tocam ingenuamente, enfim, o mais belo cenário às criaturas de encantamento!

Convites mágicos que se desfaziam após ávida leitura foram enviados. Foram endereçados às Bruxas, Magos, Lobisomens, Vampiros, Mulas sem Cabeça, Curupiras, Sacis, Caiporas, Boitatás entre outros...

Em Conselho, decidiram as protagonistas não convidar o Diabo (logo ele, o chefe). Aquele tinha forte odor de enxofre e, pior, suas atitudes eram antissociais. E o ó do borogodó, ele exigia que as Bruxas lhe beijassem o rabo, como forma de afirmar o seu poder, em atitude debochada e escalafobética de submissão; elas estavam fartas.

Enfim, a orgia acontecia no salão de baile quando, entre raios e trovões, surgiu irritado e magoado o Diabo. Uma fiel escudeira havia feito delação premiada. A simples presença “Dele” pôs fim à bailanta; foi tal a correria e as magias desperdiçadas na loucura da visão mefistólica.

O Diabo, então, impôs castigo inquisitorial à atitude marginalizante do bruxedo. Transformou todas em pedras que flutuarão na Praia de Itaguaçu por tempos infindos. Só vendo para acreditar.

No entanto, corre à boca miúda que, pedidos sinceros às Bruxas, são atendidos. Esses devem ser cochichados. Se ditos em voz alta o medonho transforma o interlocutor em mais uma pedra.

Verdade, caro leitor... Duas pedras a mais. Juro que ontem não estavam lá... Aviso dado! Deus me livre. É praia pra fortes! Fui...

Gran Circo Sur Americano

por Carlos Job

Vão-se os anos na distante Passo, meados do século XX. Dentro desse período aconteceu a mais famigerada guerra, onde o ser humano demonstrou fúria irracional e desprezo nauseabundo para com o outro!

Naquele tempo, em Passo Fundo prosperou um comércio transgressor, o contrabando de pneus, repassados aos argentinos com lucros exorbitantes, que ainda os revendiam à Alemanha, proibido ao Brasil pelos acordos internacionais. O negócio rendeu fortunas rápidas e a consolidação de riquezas já hereditárias. Tudo à margem da lei. O dinheiro farfalhava nas algibeiras. Visionários aportavam na capital do planalto rio-grandense, pois, dinheiro chama dinheiro!

Naquele contexto floresceu a Rua XV de novembro, mais precisamente, entre as Ruas Independência e General Osório, no centro, próxima da Estação Ferroviária e Rodoviária, na época. Com hotéis, restaurantes, casas de comércio, Igrejas e cemitério, tudo a um passo de qualquer necessidade!

Rua XV, quantas histórias já caíram no esquecimento e quantas foram reinventadas? Perdemos-nos neste leque de possibilidades.

Por falar em leque... Ninguém tinha tanta elegância para manuseá-lo em movimentos magistrais, que as mãos mais cobiçadas a um ósculo de refinado cavalheirismo, Madame ISALDINA. Admirada pelos mais altos escalões do poder e odiada e invejada pelas anêmicas cônjuges dos mesmos.

Exímia no trato político local e mesmo nacional, pois, em seu estabelecimento de Lazer, Diversão e Cultura, palavras estas em diferentes interpretações, recepcionou o mandatário maior da nação, ninguém menos que Getúlio Dorneles Vargas. Corria à boca miúda que teria proporcionado lancinantes momentos de rara envergadura literária a Perón, suposição é claro de “bocas de matildes”!

Aqui nada se afirma, pois, o Cassino da Maroca (como era carinhosamente chamada) ou o Palácio da Maroca era envolto em névoas de imoralidade, jogatina, bebedeiras, libertinagem, pecados e hematomas indizíveis, isso, segundo relatos de algozes que viam ali o que teria sido Sodoma e Gomorra, incrustados num Passo Fundo que teima em não ser esquecido.

Aos menos afortunados, havia na XV outros palacetes assobrados, pensões e mafuás.

Ao Cassino nada é comparável! Orquestra, corpo de baile, conjunto musical, sala de jogos (carteado e roleta), gastronomia e lindas ninfetas (entre 21 e 25 anos), a encantar os olhos e a aguçar o instinto da corte local e viajantes afortunados do comércio de pneus com a Argentina.

Fato é que os estabelecimentos da Rua XV movimentavam a economia local, pois, precisavam de garçons, cozinheiros/as, faxineiros/as, lavadeiras, cabeleireira(o)s, manicures, costureiras, modistas, músicos, lojas de víveres, de tecido e taxistas (entre outros).

Seguindo esse vetor, a Arte em Passo Fundo estava em ebulição, cito a Companhia Delorges Caminha, de Teatro; nesse contexto foi que o CIRCO chegou em grande estilo, de trem, previamente anunciado. Parcela da população dava as boas vindas e em recíproca largos sorrisos e misancene dos artistas.

O Gran Circo Sur Americano chegou com sotaque espanhol. De linhagem circense, o empreendimento cultural vinha da Província de São José (Uruguai) e, segundo conversas colaterais, viera referendado por Madame!

O Gran Circo Sur Americano se estabeleceu próximo ao Quartel do 20, região central, com dois mastros (30m por 60m); possuía cadeiras numeradas e arquibancadas, com o codinome “Gigante de Lona”! Em local apropriado, o picadeiro onde aconteceriam “Números Virtuosos” de tecido, corda indiana, lira, contorcionismo, acrobacias e trapézio, rola-rola, malabares, pirofagia e magia clássica. E também Reprises cômicas e musicais com a trupe de palhaços. Tudo isso sob a batuta do Magnata do Riso, “O Palhaço Gira-Gira”!

Ainda, no picadeiro o público era agraciado com cenas que a retina dos infantes jamais esqueceriam: Elefantes, Macacos, Cães e Cavalos adestrados, cuja estrela maior era o puro sangue que atendia pela alcunha de Conde!

Concomitante ao picadeiro estava erguido, suntuoso, o palco italiano; novidade onde se brindava ao público peças de teatro, uma inovação prodigiosa. Era o Circo se adaptando aos novos tempos, em que as casas de cinema dividiam o público e também o surgimento eloquente da televisão. Nascia o Circo Teatro ou, conforme preferência semântica, Teatro de Lona, com números mais curtos e atrativos.

No entanto, caro leitor, ainda na função da armação dessa fábrica de sonhos, correu o boato que Gira-gira se tornara vítima dum surto de febre tifoide, que assustava a região. Confirmado o diagnóstico e gravemente doente, em perigo de vida iminente, teve licença médica humanitária, para proporcionar a sua esposa, o sonho dum casamento em cerimônia religiosa. Assim foi feito, na Igreja Nossa Senhora da Conceição, onde as aias foram as suas próprias filhas. Um escândalo, não fossem os enfeites na Matriz terem sido presente da comadre Isaldina (como era saudada na família circense). Enfim, havia vexame maior!

Gira-Gira foi tratado e curado no HSVP e o espetáculo teve prosseguimento, ou quase. Enfim, houve atraso na estreia, de vários dias. É que o secretário do circo, homem das deliberações burocráticas, estava no xilindró, acusado de bebedeira e arruaça na rua XV. Gira-Gira por pouco não teve um colapso com a aviltante notícia.

Conta-se que o homem dos trâmites, por ter regalias junto à comadre, chegou garboso no Cassino, escolhendo a dedo, Tetéia, uma francesinha de 21 anos e catedrática na arte da sedução. De corpo esguio, feições de boneca e um vestido rendado, sob vermelho cádmio, acinturado de leve godê que se estendia a um palmo antes dos joelhos, deixando entrever, sem nada mostrar. O encontro foi regado a champagne pra moça e whisky pra matar a sede dum batalhão. Lá pelas duas da madrugada, Tetéia levou o incauto à mesa de jogo. Contam que, na última rodada, quando o croupier anunciou o vencedor e se curvou para recolher as fichas e o dinheiro sobre a mesa, deu-se o fiasco de proporções antológicas. Antony, nome artístico, duro de trago saltou

sobre a mesa tentando resgatar ao menos parte da aposta, chorando desesperadamente e lutando com os seguranças, gritava como um louco:

- Este não, este não, ele é da prefeitura.

Sem o pagamento das taxas, sem Alvará.

Sem Alvará. Sem Circo!

Gira-Gira apurou o corpo, ainda convalescendo, vestiu sua melhor fatiota e foi até o Cassino. Em encontro reservado com a comadre Maroca, nem foi preciso pedir, de pronto a formosa dama proveu 100 mil cruzeiros ao amigo, uma pequena fortuna à época. E foi assim que o Gran Circo estreou em Passo Fundo e foi sucesso estrondoso. Mais um segredo, Maroca teria patrocinado não fosse a devolução do empréstimo, nota em cima de nota. Gira-Gira era homem de princípios.

Conta-se também que, vinte dias depois partiu o circo, de trem, rumo a Cruz Alta. À bagagem de Antony somava-se a de Sebastião, (vulgo Tetéia, lembram?), teriam vivido um tórrido amor. Eu não paro de me surpreender com aquele Cassino.

O mágico, “El Condor”, amasiou-se com a estonteante nigeriana na Magdalenna e seus descendentes são os criadores, pelo que sei, do Circo Giratório da Chechênia.

E tem o caso menos glamouroso, dum peludo de apelido Chico Onça que, sem dinheiro para ostentar iniciou romance com a rapariga dum mafuá, mais a esquerda, na Rua Independência, loiraça de nome Marga, que lhe rendeu dias felizes e uma vida de incomodação.

E ainda tem o caso mais comentado até hoje pelos mais velhos. Heráclito, o galã das peças teatrais, moço de fina estampa, não se dava ao desfrute do meretrício. Era visto diariamente entrar na Igreja, circunspecto. Quando o Circo partiu, a Madre encontrou bilhete bizarro. A noviça Maria Socorro dos Anjos fugiu com o Circo e foi viver de amor e arte!

Foi-se o Circo, a guerra acabando e a Rua XV começou seu martírio de intrigas jornalísticas, moralismo religioso e senhoras despeitadas.

Hoje, só mais uma história!

Papa Negro

por Carlos Job

De todos os animais da terra, ninguém é mais dado ao sobrenatural que o homem. Talvez pelo fato de arguir com o desconhecido, com o amanhã não decifrado.

O ontem é de relativo entendimento, com o tempo acabamos por compreendê-lo ou nos damos o benefício da dúvida. Mas, o porvir?...

É neste contexto de ambiguidades, meus caros, que me deparo com profecias. Não sei se já notaram, mas eles se expressam (os profetas) por parábolas, paráfrases e metáforas. Não os consigo entender. Meu raciocínio entra num emaranhado, me perco na lógica perversa. Daí vem o desespero e a incontidência verbal, ora escrita.

Dia desses deparei-me com uma dessas profecias apocalípticas e é essa que quero compartilhar com vocês, bem ao gosto duma catástrofe anunciada. Não que eu queira instituir o pânico!

Sim, teve início no século XII, é quase tão velha quanto andar pra frente; são as piores, dão medo. Foi o Bispo Malaquias, da Irlanda do Norte (depois virou santo - São Malaquias) quem previu, numa viagem à cidade eterna, que a partir daquele momento a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) teria 111 Papas “normais”, digamos assim, dentro do combinado, e o 112º representaria o fim dos tempos. Não quero alarmar, não é do meu feitio, mas este, é o atual... Valha-nos Oxalá!

Nostradamus, alquimista do século XVI, proferiu: - “Rei Negro, último no trono do Vaticano antes do mundo sucumbir ao apocalipse (doenças letais, pragas, catástrofes, guerras)”. Não esqueçam que o Vaticano é uma monarquia, portanto, o Papa é Rei. Estaria se referindo ao atual?

Em 1527, o Monge de Pádua deixou um recado. O último Papa viria de terra distante para encontrar atribulação e morte. Meu Negri-nho do Pastoreio, valei-nos!

Bem, prosseguindo a conversa. Em 1534, por interseção do Papa Paulo III, Ignácio de Loyola (que depois virou santo) criou a Cia de Jesus, conhecida pelo codinome dos Jesuítas. Nas entrelinhas da história, os Jesuítas compõem uma ordem militar, despótica e ditatorial cujo objetivo é o poder. Tanto que suas ações são, ora em favor, ora contrárias a Igreja. Meu Jesus, vá entender!

Desde a sua criação, o Superior da Ordem Jesuítica, cujo cargo é vitalício, veste batina ou terno na cor preta. Por esta razão é conhecido nos corredores da instituição, desde sempre, como - o Papa Negro - cujo poder, dizem, é correlato.

Pe. Vieira parlamentava veementemente contra os pregadores do paço - palácio - aqueles que pregam à luz de interesses e no conforto. No Sermão da Sexagésima defendia o ideal de que os Jesuítas são sacerdotes do passo, da estrada, da missão, debaixo do mau tempo - rivalizando - se é que me entendem? Salve Jorge!

Passados 479 anos da criação dessa ordem, chega à Roma, Jorge Mário Bertóglío, Arcebispo de Buenos Aires. O primeiro Papa na história da ICAR a pertencer à Cia de Jesus.

- Uma ideia percorreu minha espinha, fiquei arrepiado. Imagine você, caro leitor, se o papa fosse brasileiro? Seríamos amaldiçoados, porque desgraça pouca é bobagem, garanto, e a profecia já é uma calamidade. Valei-nos São Benedito!

Olhando agora, com mais atenção, não sei se o Salve Jorge ficou num bom lugar?

Saiba você que o Bispo de Roma veste branco. O atual Papa é Jesuíta e é subalterno ao Papa Negro e não o contrário... Minha mãe Oyá, será que estou entendendo a profecia?

Sei que após o - Habemus Papa - o já Francisco, em conotação ambígua fez uma referência desconcertante: "Foram quase ao fim do mundo (???percebem???) para buscar o Papa". Que Alah jogue sobre nós seu manto!

Vou mais longe, pois eu rio na cara do perigo... Profecia minha: “Chicão foi escolhido por sua ordem como o General Supremo, unificando o papado que se tornará, então, Bicolor”.

Guerras, pestes, catástrofes, fome, inflação, desemprego, corrupção. Esta é a nossa realidade; não vejo nada de novo, porém, o futuro é que me agonia! Valei-nos, Nossa Senhora Aparecida!

Não sei se perceberam, na profecia o Papa não é negro na tez, mas, no tecido. Só pra constar! Misericórdia nossa santinha mestiça Maria Pequena!

Quem viver, verá!

Que Sorte!

por Celso Menegaz

Duas coisas faziam a cabeça dos rapazes passo-fundenses da década de 1960: automóveis e corrida de automóveis. Eu e minha turma de amigos éramos apaixonados pelo mundo automobilístico. Quando acontecia alguma prova de corrida em Porto Alegre, era muito comum fretarmos uma Kombi da então Turismo Alvorada. Lá íamos, oito ou nove fanáticos em trajeto que ainda passava pela Serra de Nova Prata e Bento Gonçalves, até Porto Alegre.

Normalmente, ficávamos em hotéis baratos da Avenida Farrapos, pagando alguns cruzeiros para amontoar três ou quatro amigos em cada quarto. O banheiro era no final do corredor, coletivo para o andar todo. Que azar!

Os principais eventos aconteciam no Circuito Cavalhada / Vila Nova ou no Circuito da Pedra Redonda, cuja Avenida Otto Niemeyer, uma reta longa e com uma certa elevação fazia os carros voarem cerca de 30 ou 40 metros. A turma adorava!

Num determinado ano, os alunos da Faculdade de Odontologia, aqui da cidade, fizeram uma rifa, cujos números concorriam em seis extrações mensais da Loteria Federal. O objetivo deles era angariar recursos para festa de formatura. Comprei um número em sociedade com meu amigo Paulo Tagliari, a grana era curta.

Fomos contemplados no primeiro sorteio! O prêmio era 500 mil Cruzeiros, algo equivalente a R\$ 10 mil reais, hoje. Que sorte!

Como foi a primeira extração, os promotores não haviam vendido todos os números e não tinham todo o dinheiro do prêmio disponível. Pagaram a metade e parcelaram o saldo. Que azar!

Para nós, que vivíamos da “mesada” dos pais, mesmo a metade do prêmio era uma quantia muito grande de dinheiro. Literalmente, “ficamos ricos” perante os amigos da turma. A grana já não era mais curta. Que sorte!

Alguns dias depois, soubemos que ia ter corrida em Porto Alegre. Fomos com toda a turma, como sempre fazíamos, mas agora eu e Paulo nos destacávamos, a grana era farta.

Ficamos no mesmo hotel barato da Avenida Farrapos, mas, compramos muitas roupas e comemos em restaurantes caros. Barriga e guarda-roupas cheios!

De volta à Passo Fundo, nos dias subsequentes, o papo era sobre a corrida. Na verdade, o papo sempre era sobre corridas, mas, numa noite, no Bar Havaí, surgiu um desafio entre dois amigos da turma: Chiquinho Biancini contra Odorico Vani, um DKW contra um Fusca!

Tudo começou porque o Paulo afirmava que o DKW, apesar de ter mais motor, não ganharia uma corrida contra o Fusca, se a pista tivesse muitas curvas.

Pensamos em qual trajeto escolher e decidimos que a disputa seria num trecho da rodovia Passo Fundo/ Marau, desde a entrada do Capingui até a ponte do Rio Taquari, um trajeto com retas e muitas curvas.

No demorou muito para que o Odorico arrepiasse, que a corrida não era o forte dele; então, outro amigo, Jair De Marchi, tomou o seu lugar no desafio. “Vamos apostar!”

Dessa vez, a aposta em dinheiro foi alta, pois, eu e o Paulo estávamos com o “caixa alto”. Bancamos o Jair contra o Chiquinho. Reuniram as economias (mesadas de mais ou menos uns dez amigos) e ainda nos sobrava dinheiro da rifa da Odontologia. Que sorte!

Desafio marcado para o 1º domingo do mês de julho, às 14 horas, no local acordado.

No sábado anterior à corrida fomos preparar o fusca do Jair, tendo por responsável técnico Nando Benincá. (Luiz Fernando Benincá). Conhecia tudo de carburador e a receita foi colocar um de

Chevrolet, com mais capacidade de combustível. Que sorte ter o Nando na equipe! Usamos as instalações da empresa da minha família, na época: Menegaz S.A., que ficava na Rua Tiradentes, próxima ao Hospital de Caridade, hoje Hospital da Cidade.

A adaptação do carburador ficou perfeita, mas, o Nando não conseguia acertar a aceleração que, em determinado estágio, falhava, ora por excesso de combustível, ora por falta de ar. Fomos assim até às 3 horas da madrugada. Que azar!

Desistimos e, ato contínuo, iríamos procurar os oponentes, lá pelas 11 horas da manhã, tentando adiar a corrida.

Mas que azar! A Turma do Chiquinho não aceitou.

Como o dinheiro das apostas já estava “casado” com um amigo que seria o árbitro, negaram a proposta e partiram rumo ao local de largada. Caso não fôssemos, seriam declarados vencedores. Mas, que baita azar!

Eis que surgiu uma proposta do Paulo Tagliari, oferecendo-se para competir no lugar do Jair, porém com o fusca da sua cunhada, Maria Augusta Tagliari. De pronto, aceitaram. Que sorte!

Paulo precisava de uma desculpa para conseguir o carro emprestado, o que não foi difícil, pois era comum a cunhada emprestar o Fusca para ele nos domingos a tarde passear com o seu filho Cristiano, na época, de colo. Só que, naquele dia, a gente não podia levar o Cristiano. Ela concordou. Que sorte!

Após o almoço, fomos todos para o local, na entrada do Capiungui. Alguns ficaram para dar a largada e interromper o trânsito. O movimento na época era pouco, a maioria dos carros estava passeando e as pessoas paravam para assistir. Outros ficaram na Curva Preta (pouco antes do Burro Preto), inclusive eu. O restante do grupo foi para a chegada.

Pista mais ou menos limpa, foi dada a largada.

Como era de se esperar, o DKW do Chiquinho saltou na frente e, quando passaram na curva Preta, o fusca do Paulo estava uns 90 metros atrás. Que azar!

Pensei comigo, perdemos a aposta, mas, ao menos mantivemos a nossa palavra!

Quando finalizou a disputa, o Paulo volta e passa pela gente com o seu Fusca comemorando a vitória. Não entendi nada, mas que sorte!

Perguntei: O que aconteceu?

A curva do Burro Preto sempre foi uma surpresa para quem passava do limite e perdia o controle e o DKW do Chiquinho não aguentou, o carburador desmanchou. Que azar para o Chiquinho!

Mas que sorte!!

Pela vitória e pelo Chiquinho, que saiu vivo. Vários acidentes acontecem naquelas curvas, até hoje.

Voltamos para a cidade e imediatamente fomos procurar o depositário das apostas, que já estava sendo assediado pelos perdedores para não nos pagar, pois a avaria de algum carro não havia sido combinada. Nada disso! Aposta é aposta!

Além disso, o Paulo poderia muito bem ter simulado uma quebra de carro já que estávamos visivelmente em desvantagem e inferiorizados com um Fusca sem preparo nenhum.

Passadas umas 3 horas de discussão, finalmente, recebemos o dinheiro das apostas!!

Soube depois que, naquele dia da corrida, Chiquinho ficou na estrada com seu DKW quebrado, confirmando a teoria que existia na época de que o Paulo era um cara de muita sorte e dificilmente perdia uma aposta!

Que sorte!

Que sorte ter amigos e histórias como esta para lembrar!

O Enigma da Agonia

por Diego Chimango Vargas

A notícia concreta e inevitável de que uma pessoa querida, em virtude de enfermidade, possa a qualquer momento despedir-se da vida é motivo de consternação. Afinal, ninguém está preparado para uma notícia assim. Contudo, diante dos momentos difíceis e de agonia é preciso ter prudência, resiliência e humildade para compreender o universo de situações que num momento como esse se apresenta, pois, toda agonia carrega consigo seu enigma.

De fato, não há ser humano de bom coração que fique indiferente ao testemunhar o sofrimento de um amigo, parente ou, até mesmo, de um desconhecido que se encontre em condição delicada, o que leva muitas vezes, dada a dimensão do carinho que nutrimos por alguém e a relevância que exerça em nossas vidas, a nos guiar de maneira inconsciente para certo egoísmo, ao pensar na falta que a pessoa fará em nossas vidas e nas vidas que dela dependem.

O pesar pode turvar a visão, confundir os sentimentos e, deste modo, impedir que olhemos para o sofrimento dessa pessoa, muitas vezes dotada de benevolência e que, outrora, proporcionava alegria e conforto aos que lhe rodeavam, sendo referência pela maneira de ser. O sofrimento do ente querido, incompreendido na essência, acaba se tornando tortura maior, pelo “cultivo da dor”, tanto para o moribundo, quanto para os seus afins, o que acontece quando as pessoas se aglomeram ao redor do leito do enfermo, com penúria e melancolia, agravando a sensação de agonia.

Todavia, devemos compreender que todos têm seus dramas particulares, suas dores, seus pesares e desassossegos e isso, de certa forma, degrada o corpo e maltrata o espírito dessa pessoa. Quando o enfermo não mais pode interagir, dada a gravidade da moléstia, com

espírito enclausurado ao corpo, seu sofrimento pode ser externado através de lágrimas e gestos. Sua humanidade afluída já sabe que precisa partir, deixando o corpo para se tornar espírito; no entanto, muitos se recusam a abandonar o mundo material ao testemunhar o sofrimento dos que ficam e, até mesmo, por não haver recebido ou dado o seu perdão a alguém, por algum mal entendido ocorrido na existência terrena.

Ainda que muitos tentemos evitar o assunto, a morte é a única certeza da vida e, não podemos esquecer que a vida é a bênção concedida por Deus, para que trilhem os caminhos com o intuito de aperfeiçoar o espírito, mediante a superação dos desafios, a resolução dos problemas, o amadurecimento dos sentimentos e a evolução espiritual. A doença nada mais é do que o desgaste deste equipamento fantástico que utilizamos durante a vida, que chamamos de corpo. Em cada uma destas peças, chamadas órgãos, residem as centelhas energéticas que culminam na existência da vida e proporcionam os sentidos, em variadas formas, para nos permitir pensar, agir, sonhar, viver e amar.

O sentimento de amar é o mais importante, porque é em nome do amor que podemos através das faculdades mentais e resistências corporais, maximizar ou minimizar a qualidade da existência. Como exemplos, temos o desgaste corporal, que os pais sofrem no trabalho para sustentar e educar os filhos; na insônia motivada pela preocupação da mãe com o filho que demora a chegar; na amargura que sente aquele que busca a pessoa amada; na depressão que atinge quem suporta uma grande dor em seu íntimo; na doença de determinado órgão vital que acomete a pessoa em razão de qualquer vício. As preocupações, as discussões inflamadas, os assuntos mal resolvidos, quando não tratados e sanados, podem desencadear impactos devastadores nas nossas vidas, o que na maioria das vezes ocorre de maneira gradual e silenciosa, até que, quando se manifestam, as chances de reversão podem ser mínimas ou nulas.

Motivo pelo qual se faz importante conversarmos com alguém, que tenhamos a maturidade para fazer autocrítica e, importante, de termos a humildade de reconhecer os nossos equívocos e, também,

de resolver os desacertos com as pessoas envolvidas. Para tanto, existem terapias, profissionais de saúde habilitados, programas de auxílio através dos serviços de assistência social, centros de valorização da vida, instituições religiosas e seus grupos e apoio; não obstante, por mais que se propague a notícia da banalização das relações humanas, existem seres áureos espalhados pelo mundo, também os amigos, os pais, os cônjuges etc. Porém, mesmo diante da vasta gama de auxílios, por orgulho, complexo de autossuficiência e receios é comum ouvirmos justificativas do tipo, “as pessoas não são confiáveis, por isso não me abro com ninguém” ou, “quem errou foi fulano, eu estou na minha razão”. Pode não parecer, mas residem aí as chagas que precisam ser tratadas pelo dono da dor. Palavras e atitudes ríspidas, indelicadezas, extremismos e a mania de engolir as situações amargas se acomodam no subconsciente e, quando não resolvidos, vão se acumulando e pelos vícios, arrogância e orgulho ferido se concentram em determinados órgãos, podendo os levar a perecer e consumir a vida por completo.

Eis, portanto, o fato de a morte iminente dos nossos amados, em decorrência de enfermidades, ser muitas vezes incompreensível. Cada ser humano é um oceano de mistérios, onde os sorrisos, a euforia, os atos compulsivos, as postagens, os stories, as selfies e o marketing pessoal das redes sociais, não raramente, camuflam as verdades íntimas e inaceitáveis de cada um, sendo que nessa aura artificial jazem os dissabores que, fatalmente, poderão ressurgir em forma de doença. Infelizmente, a maioria apenas se dá conta disso nos últimos instantes da vida; maior ainda é o índice de indivíduos que falece sem enfrentar seus algozes e, muitas vezes, reconhecer seus espectros.

Por incrível que seja, existem pessoas que nunca ouviram um “eu te amo”, sem conotação sexual; igualmente, há quem apenas precise aprender a dizer que ama, pois, a maioria passa a vida inteira com a ideia de que amar é proporcionar o que o dinheiro pode comprar; por tal motivo, sentimo-nos vazios, amargos e infelizes, quando nos falta recursos para satisfazer nosso ímpeto consumista. Há também aquele que não consegue interagir e não sabe ser cari-

nhoso, afável e meigo, pois, nunca foi acolhido de forma sincera, verdadeira, cordial e desinteressada. A falta do afeto pode concentrar amargor no cerne das pessoas, o que pode facilmente ser confundido com arrogância, temperamentalismo ou chatice; a falta do impulso externo e compreensivo de alguém pode impedir que outro floresça para a vida, reservando um calvário de pedras e espinhos do qual jamais se saberá a origem.

Ao percebermos a agonia de uma pessoa querida, frente ao desfecho fatídico, primeiro, é importante compreender o seu drama, procurando nos colocarmos em sua condição, através das nossas feridas. É prudente usar a sensibilidade no que nos couber, seja qual for a crença, para fazer orações por essa pessoa e neste ato, com palavras, pedir desculpas ou perdoá-la, caso haja algum percalço que tenha passado despercebido e, não menos importante, agradecer por tudo o que ela tenha feito por você, se possível, enumerando os atos; dizer-lhe que pode partir em paz, deixando as mágoas e sofrimentos, para que seu espírito se desprenda totalmente, assegurando, ainda, que seus bons momentos e seus ensinamentos serão eternizados em lembranças.

Não se trata de tarefa fácil, mas, na maioria das vezes, gestos dessa natureza tem a capacidade de sublimar os últimos momentos de alguém, que não pode mais exprimir suas vontades e, assim mesmo, anseia por se externar de uma vez por todas, o que não é demérito, mas, algo a que estamos propensos, dadas as circunstâncias em que vivemos, com cotidianos conturbados e exigências de multiplicidade nas ações, tornando-nos mais automatizados e proporcionalmente menos críticos e sensíveis.

Infelizmente, todos os que amamos são seres transitórios, assim como nós. Um dia teremos de ir embora e, assim, como nossos bens materiais, nossas ações permanecerão gerando efeitos por algum tempo, sejam bons ou maus. Se a pessoa, que está na iminência do fim, proporcionou-lhe bons momentos e ações benevolentes, na medida do possível, procure propagar isto aos outros; enfatize seus pontos positivos em conversas informais, mas, acima de tudo, guarde consigo somente o bem; de outra sorte, se alguma atitude daquela

pessoa tenha lhe causado algum desacerto, mesmo assim, procure encontrar o lado bom da referida ação e, se assim proceder, poderá ter a prova de que há muito na vida que acontece para o nosso crescimento, por mais negativas que sejam. Há muitos que erram sem querer e as que cometem equívocos pensando estarem agindo certo, atos e ações a que temos tendência. Independente da relação que se tenha com o ser humano agonizante, devemos serenar o coração, emanar o perdão, as nossas desculpas e o nosso agradecimento. Isto é o que ela necessita para morrer em paz.

Que o sofrimento da pessoa que procura resolver suas agruras antes da derradeira partida nos faça observar e agir em socorro com brandura, mas, acima de tudo, que nos permitamos aprender a viver sem rancor e com amor. Afinal, a Terra é o plano efêmero e nele somos aprendizes, ansiosos para percorrer os caminhos da felicidade e, com certeza, ser feliz é a melhor forma de caminhar.

Que Deus abençoe e ilumine o seu coração, com sabedoria e muito amor.

Se Permita Voar

por Elisa Frana

Para encontrar a felicidade você não precisa caminhar para longe de tudo o que lhe formou até aqui. Você apenas necessita abrir-se às inúmeras possibilidades que pairam continuamente diante dos seus olhos. Enquanto tiver o coração cheio de sóis, você sentirá em cada respiração a renovação coordenada das suas falas e ações. Basta viver os segundos com toda a preciosidade, como o jardineiro quando observa a planta florescendo, quando o seu animal de estimação percebe a sua chegada, após o longo dia de trabalho, como o reencontro tanto esperado ou quando os braços se enlaçam por entre abraços de saudade.

Você diz que não aguenta mais o peso das situações. Suas costas doem ao carregar tantas queixas e cicatrizes. As palavras que saem do seu interior são repetidamente a superficialidade do sentir, quer tanto as águas saborosas e não compreende que antes de beber precisará sentir a força da sensibilidade descendo por entre cada fragmento celular do seu corpo e despertando todo o seu ser. Pois a água tem imenso poder de cura. O cientista japonês Masaru Emoto demonstrou, através de pesquisas e experimentos, que a água tem suas partículas estruturais alteradas quando rotulada em recipientes com palavras de amor e gratidão, formando poderosos e belíssimos cristais; o que não ocorre quando o rótulo trata de palavras negativas e agressivas.

Esse exemplo simples demonstra o quanto somos criadores das nossas queixas e dificuldades existenciais. Tantos dizem que fulano tem ciúmes e inveja, mas, no fundo, acredito que se você tem certeza do sentimento do outro, você também partilha desse sentir. Tudo o que você sente está impregnado em sua alma. Por isso, é

imprescindível atentar para tudo o que você está emanando ao seu redor. Pois, acreditem meus caros, somos capazes de atrair muita energia para perto de nós e, em muitos casos, não é algo benéfico e engrandecedor, apenas suga a nossa vitalidade e retira nosso foco.

Sempre acreditei que minha missão é ajudar as pessoas, então, resolvia ouvir e ouvir tudo o que o outro carregava em si. Certo dia comecei a me sentir exausta, parecia que estava com mil zumbidos nos ouvidos. O que me chamou a atenção foi que as pessoas, que eu estava disposta a ajudar, não queriam realmente se curar. Isto é, ninguém pode fazer o trabalho de limpar a vida do outro. Pense comigo, você é quem passou por todas as suas experiências e vivências. Foi você que sentiu na pele o poder da dor e do amor. Também foi você que acumulou suas teorias de vida e suas formas de ver os dias. Portanto, foi você que arquitetou tudo. Como um ser conseguirá limpar algo que é seu? Impossível.

Por mais que muitos seres consigam nos despertar, para enxergar que é a hora da revolução, cada um deve separar e selecionar o que deve manter e o que deve ser liberado. Repito: apenas você pode ser o seu mago, seu curador e o seu médico da alma. Imagina a bula do remédio: é como se tudo o que está escrito fosse suas informações pessoais. No momento que você começa a ler, muitas das características você reconhece, são suas, já que foi você que as viveu. Agora, pensa em outra pessoa as interpretando. Acredito que, como não somos seres neutros, as ideias da pessoa que está lendo se mesclaria com as suas, formando algo novo. Assim, cada pessoa observa com a sua lente de vida, pois, na pluralidade dos fatos, a maneira de cada um sentir é imensamente singular.

Não espera a cura no outro. Não se agarre em alguém pensando que essa pessoa será a solução para as suas mazelas. Por mais iluminada e especialista que tal ser seja, a tarefa da transformação é indispensavelmente sua. Imagine aquela cena da mãe pássaro ensinando o seu bebê a voar, ela o encorajava, ensina que o mundo é complexo, que o seu amado filhote irá precisar enfrentar inúmeras aventuras e, por mais que ela o ame, sabe que não poderá voar por ele. Dói ficar longe de alguém que se tanto ama e, ainda mais, saber

que existe muita maldade no mundo. No entanto, a mãe pássaro ensinou a mais valiosa das heranças: por mais que exista muita crueldade, sempre veja pelos olhos do amor. Nada o impedirá de vencer. Apenas, seja você. Seus medos, um por um, serão desvendados e compreendidos e no final você entenderá que voar é como abraçar o universo. Então, você estará em perfeita sincronia com a vida, o que simbolizará a verdadeira essência da cura.

O Remédio

por Francisco Carlos dos Santos Filho

Era tempo festivo de feira do livro, por isso, recordei desse fato, que ocorreu faz alguns anos, nessa mesma época, numa sexta feira ensolarada. Era início da tarde e eu ainda estava em casa, antes de sair para o trabalho, quando bateram na porta e minha mulher atendeu. Vi quando retornou para dentro de casa com uma expressão de surpresa e me disse: “é uma senhora; uma mãe. Ela bateu aqui pedindo se não tínhamos alguma revista ou um livro para ela levar para a filha. Tem vinte e quatro anos e está deprimida. Ela quer dar à filha alguma leitura que possa lhe ajudar a sair disso. Isso foi tudo o que ela pediu”.

Minha surpresa, creio, deve ter sido ainda maior do que a dela. Inacreditável! Uma senhora que tem uma filha deprimida, uma jovem deprimida, nos dias de hoje, sai à procura de um livro que pretende usar como remédio para a dor da mocinha! Quase não pude acreditar no que estava acontecendo. De pronto, fui à biblioteca da casa e trouxe de lá um livro antigo de aventuras, de Peter Blenchey, “O fundo do mar”, que entreguei à senhora. Disse-lhe que era a narrativa de uma aventura de descer às profundezas e, conhecendo o fundo de tudo, entender melhor as coisas de modo que tudo terminasse bem. Não posso descrever a felicidade que ela sentia, nem a alegria que dela se derramava quando, quase sem acreditar, pegou o livro, certamente pensando em entrega-lo à filha.

Vejam o que isso significa: essa mãe, no mundo de hoje, ao invés de recorrer aos tantos artifícios imediatistas que se ofertam sem cessar - formulas mágicas de felicidade, adestramentos comportamentais para ser feliz, consumo de todo tipo de coisas, pílulas - procurava por outro remédio para sua filha! A literatura como remédio

para a alma; a leitura como arma contra a tristeza, a narrativa como caminho de cura. Era o que pensava aquela mãe, quando me visitou naquela tarde de sexta.

Encantador! Num mundo em que qualquer afeto mais denso, qualquer sentimento doloroso - vejam bem, não estou me referindo a situações graves nem sérias, que porventura exijam intervenção psiquiátrica por seu grande dano e risco para a saúde mental - mas, ao fato de que qualquer angústia, tristeza ou dor psíquica deve ser imediatamente dissolvida; neste mundo erguia-se solitária, andando anônima pelas ruas da cidade, a voz solidária de uma mãe que acredita ser possível combater as moléstias da alma enriquecendo o espírito, ao invés de sedá-lo. Como estarás te sentindo depois de tantos anos, estimada jovem? Ainda andarás triste? Por que estarias? Tens sorte! Tens riqueza! Tens uma mãe que pensa em ti e que sai em busca de providências para que te sintas melhor, que quer alimentar tua alma com histórias, que acredita na força transformadora das palavras. Imagino que estejas melhor. Não sabes a falta que fazem mães assim como a tua.

[1] Crônica dedicada à Carme Regina Schons.

A Saga de um Vestibulando

por Gilberto Borges Bortolini

Após terminar o segundo ano do segundo grau (Científico de então), no glorioso CENAV, escolhi a Medicina como a profissão que seguiria.

Naquela longínqua época, as Faculdades de Medicina existiam apenas em Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande. No entanto, era de praxe, além de concluir o segundo grau, fazer, concomitantemente, um curso preparatório (Cursinho pré-vestibular), de preferência em Porto Alegre, onde estavam os melhores.

Conversei com meus pais e os mesmos me perguntaram se era isto que eu desejava, pois, haviam vários fatores a serem considerados: mudança de cidade, de colégio, deixar a família e os amigos, enfim, enfrentar a vida aos 16 anos! Honestamente, naquele momento, aquilo não me preocupou, pois, o desafio falou mais alto e eu comprei rapidamente a ideia, embora, agora confesse, que não tinha muito claro, lá com MEUS botões, como seria todo o processo! Só via o sucesso no vestibular para Medicina, sublimando toda a trajetória até lá.

Após receber o aval dos MEUS pais, pedi transferência para o Colégio Júlio de Castilhos, para os iniciados, Julinho, e me matriculei no Cursinho Pré Vestibular Mauá, ambos em Porto Alegre! O mais interessante é que realizei todas aquelas tarefas sozinho, mal conhecendo a cidade, mas consegui, o que me empoderou sobremaneira.

Próximo desafio, alugar um apartamento e alimentação. Janeiro de 1966; alugado o apartamento no Edifício Saga (nome muito sugestivo, que obviamente não me dei conta), numa região estratégica

entre o Julinho e o Cursinho pré-vestibular. Alimentação na pensão da D. Madalena, conhecida entre três de quatro estudantes, cujas famílias moravam no interior e melhor, próximo ao apartamento locado. Maravilha! Mais um desafio vencido!

Março de 1966, início das aulas: Colégio à tarde, Cursinho à noite e, pela manhã, um cronograma das matérias a serem estudadas, primeiro no Colégio e, depois, para o vestibular que deveria ser realizado em Fevereiro de 1967. Nesse ritmo transcorreu o ano de 1966, no início com uma saudade visceral de casa e, a seguir, aumentando o foco no vestibular, novas amizades, adaptação à cidade, esmaecendo, mas nunca esquecendo tudo que havia deixado, em prol de realizar o meu objetivo maior: passar no vestibular DE MEDICINA DA UFRGS, tida como a mais conceituada.

Enfim, chegamos a tão esperada data para realizar as provas. Concentração total, a certeza de ter feito o melhor; doze horas de estudo diários nos últimos quatro meses e o preceito: **ALGUÉM TEM QUE ENTRAR E EU ESTOU NO PÁREO !**

O resultado deveria sair em torno de 20 dias, se não me falha a memória! Espera terrível! Momentos em que a certeza da aprovação se digladiava com a possibilidade da derrota. Para aguardar o resultado, voltei para casa dos meus pais (Passo Fundo), onde tentei gozar um merecido descanso... ledo engano! Sempre o pano de fundo era o resultado do vestibular!

Convém lembrar que, naquela época, o vestibular era único e o candidato escolhia quais as suas opções, que seriam atendidas dependendo da sua média final! Óbvio que a Faculdade de Medicina da UFRGS ERA A MAIS CONCORRIDA, seguida pela Católica de Porto Alegre (atualmente Ciências da Saúde), Pelotas e Rio Grande (Santa Maria não participava do Vestibular único e a prova era no mesmo dia). Finalmente foi anunciado o dia D do resultado do vestibular único de Medicina!

Pela manhã, recebi um telegrama (bota antigo nisso) de que havia passado, mas, não me informava em qual Faculdade. Transcrevo o telegrama: “Avise Gilberto passou Ahrs”.

O nível de adrenalina aumentou mais, pois, claro que eu queria a UFRGS. Só havia uma maneira de saber: aguardar a chegada do Correio do Povo que, após o almoço, era vendido em frente à Catedral. Nem bem almocei e já estava aguardando o tão esperado Correio. Estava cercado de amigos que foram contagiados com a espera do propalado resultado. Primeiro, para encontrar o local do resultado no jornal foi uma briga (o Correio era um compendio). Achada a página, iniciei pelos aprovados nas faculdades que eram minhas últimas opções! Rio Grande nada, Pelotas idem, Católica de Poa também não, conclusão: PASSEI NA FACULDADE DE MEDICINA DA UFRGS!

Mas, queria ver escrito e, o pior, não achava o meu nome, tal o nível de excitabilidade, até que um grande amigo me disse: passou na melhor faculdade de Medicina do estado e NÃO SABE LER! Retirando-se com seu sorriso sarcástico que, até hoje, lhe é peculiar!

Subitamente, vi meu Nome, Gilberto Borges Bortolini! Uma explosão de alegria indescritível e, no fundo, a grande sensação de ser um Vencedor, e que todos os sacrifícios foram recompensados.

Alguns dias, após o recebimento do telegrama soube que UFRGS FOI SUBSTITUÍDA POR ABRS. Incrível!

Naqueles tempos, tínhamos que administrar nossos sentimentos, exercitando a paciência, o que nos permitia pensar em nosso futuro sem o imediatismo do jovem de hoje. Acesso rápido à informação e conhecimento a um simples toque do dedo no celular e/ou tablet. As redes digitais se multiplicam a cada momento!

Porém, o que sobra em tecnologia pode ser o que falte para que o exercício de pensar, esperar, controlar os impulsos e buscar o melhor caminho para o futuro, traga hoje para os jovens confusão, ansiedade e imediatismo. Fica o desafio! Viver o conhecimento de hoje, sem desprezar a sabedoria de ontem.

Casamento e Morte

por Gilberto R. Cunha

Penitencie-se caso você, quando aquele vizinho, casado, meia idade e sem nenhuma doença grave, subitamente morreu, tenha se alvoroçado, a tecer comentários do tipo: também, andava exagerando no torresminho; bebia dia sim e outro também; não refugava um chope com os amigos; uísque, então, eram doses industriais; café, só bebia se fosse Irish Coffee. Devagar com as conclusões apressadas!

Artigo recentemente disponibilizado pelo The American Journal of Cardiology (Am. J. Cardiol. 2019, 123:7-11), Marriage Dissatisfaction and Risk of Sudden Cardiac Death Among Men, lançou luzes sobre esse tipo de acontecimento, que pode ter vitimado o seu vizinho, ao atribuir a “insatisfação/infelicidade” no casamento como a principal causa de morte cardíaca súbita entre os homens de meia idade.

Um grupo de pesquisadores da Finlândia e do Reino Unido assina o referido artigo, que reporta o resultado de pesquisa realizada com 2262 homens finlandeses, casados, com idade entre 42 e 60 anos, que, entre 1984 e 1989, se submeteram a um protocolo de estudo, aferindo, entre outras coisas, o nível de satisfação no casamento, numa escala que ia do muito satisfeito, passando pelo apenas satisfeito, até os graus de insatisfeito e muito insatisfeito; tendo sido o grupo acompanhado pelos próximos 26 anos. Nesse ínterim, 239 membros que morreram foram diagnosticados, inequivocamente, como casos de morte cardíaca súbita.

Estima-se que entre 4 e 5 milhões de pessoas, no mundo, anualmente, são vitimadas por morte cardíaca súbita. No estudo realizado na Finlândia, 896 homens integravam o grupo dos muito satisfeitos (39,6%), 1249 o dos satisfeitos (55,2%) e 117 (5,2%) do grupo unificado de insatisfeitos e muito insatisfeitos.

Os diagnósticos de morte cardíaca súbita, enquadraram-se nos respectivos grupos, em 78, 146 e 15, que, em termos relativos, correspondem a 8,7%, 11,7% e 12,8%. Ou seja, em uma interpretação empírica superficial, tem-se para cada 100 homens, que, enquanto morrem 9 do grupo dos muito satisfeitos no casamento, contabilizam-se 13 mortes entre os insatisfeitos. E que não basta estar apenas satisfeito, tem que se estar muito satisfeito no casamento para diminuir o risco de vida.

Evidentemente, os resultados e a discussão do aludido artigo são mais robustos do que até aqui expomos rasamente. Os autores concluíram que o risco de morte cardíaca súbita, no grupo dos homens insatisfeitos, é 86% maior do que no grupo dos muito satisfeitos no casamento. E, considerando que algum elemento de insatisfação, pode existir no grupo dos que estão apenas satisfeitos, combinando-os com os insatisfeitos, esse risco é incrementado em 43%.

A conclusão principal do estudo é que, independentemente de outros fatores de riscos cardiovasculares, a insatisfação no casamento está associada com o aumento do risco de morte cardíaca súbita entre os homens de meia idade. Talvez, faltou dizer que essa insatisfação no casamento pode levar, pelos conflitos do dia a dia, a um maior consumo de álcool e a estresses diversos que podem afetar o sistema nervoso, ao desleixo com a saúde física, ao uso de antidepressivos etc., que, direta ou indiretamente, podem ter influído nessas mortes.

A sensação é que estudos, como esse publicado no *The American Journal of Cardiology*, são realizados apenas para confirmar piadas velhas. Com o devido pedido de perdão antecipado, pelo tom machista, segue a história do cidadão que, preocupado com o resultado de exames cardiovasculares que realizara, procura um médico e, durante a anamnese, o doutor pergunta se ele bebe. O sujeito diz que não. O médico recomenda que ele beba, mas, com moderação, que um pouco de álcool ajuda a relaxar. Depois, prossegue o doutor, se ele trabalha muito. Diante da resposta, recomenda que ele, se possível, trabalhe um pouco menos, preferencialmente apenas naquilo que gosta de fazer. E, por fim, se ele tem mulher chata. Nesse ponto, o médico é taxativo: se tem mulher chata, separe logo, pois o que mata mesmo é mulher chata. Bingo!

O Sonho de Emily

por Gilberto R. Cunha

Um dia, no rastro dos versos da velha canção escrita por Gilberto Gil, vivi a ilusão de que ser homem bastaria e, até por isso, eu, independentemente das circunstâncias, julguei que, depois de adulto, jamais iria chorar. Ledo engano! Houve momentos nesta vida, embora raros em que, confesso, não consegui controlar a emoção.

Um desses aconteceu durante a preparação do livro “Cultivando Talentos 2018”, que foi lançado, no dia 6 de novembro de 2018, como parte da programação da 32ª Feira do Livro de Passo Fundo.

Enquanto manuseava os originais, recebi, no dia 9 de outubro de 2018, via WhatsApp, uma mensagem da organizadora da obra, acadêmica Dilse Piccin Corteze, acompanhada de um desenho e um pedido: uma das autoras havia falecido; a mãe encontrou o desenho que ela fizera para ilustrar o texto que havia escrito, trouxe para a professora Silvia Ricci e pedia para ser publicado no livro.

A autora era Emily da Rocha Stenzel, o texto em voga chamava-se “O sonho de Lúcio” e o desenho mostrava um astronauta (uniformizado no padrão NASA) flutuando no espaço entre estrelas, planetas e um céu de coloração azulada. Desnecessário dizer, mas, por um instante, mesmo sem ter tido qualquer contato anterior com aquelas pessoas, fui tocado por aquele pedido, imaginando e sentindo a situação vivenciada por elas. Assim, tocado por aquele pedido, parei o que estava fazendo e fui LER, de fato, aqueles textos que, até então, manipulara de forma automática e displicente; especialmente os escritos por Emily.

Emily da Rocha Stenzel era natural de Araucária, PR, e moradora de Erechim, RS. Tinha 16 anos e fazia parte da classe hospitalar Escola de Vida, do HSVP. Na fotografia, que ilustra a autobiografia, aparece uma jovem sorridente e de cabeça raspada, sugerindo a doen-

ça que a acometia. Nas suas palavras, descreve-se como uma menina calma, quieta e comportada, que gostava de escutar música, assistir futebol e pescar com a família em Jacutinga. Sonhava ser fotógrafa, mas adorava estudar planetas, galáxias, observar a lua e as estrelas. Eu acrescentaria: e com talento para a escrita e para a ilustração.

O sonho de Lúcio, texto assinado pela Emily na obra, retrata bem a sua paixão pelo cosmos. Eis um excerto: “...quando abriu os olhos, estava em um lugar diferente, parecia estar dentro de um foguete. Com a roupa de astronauta. Ele olhou ao seu redor e estava acompanhado de dois homens, chamados Buzz Aldrin e Michael Collins. Ele ficou muito espantado! Seus companheiros estavam chamando-o de Neil Armstrong. Lúcio, não estava entendendo o que acontecera. Então, a contagem regressiva começou: “5...4...3...2...1...” e o foguete estava sendo lançado para o espaço. Lúcio, mesmo um pouco assustado, estava gostando daquilo, pois queria conhecer o espaço. “

A história de Emily, sem qualquer juízo de valor, retrata bem o papel do Projeto Identificando Talentos que, desde 2016, por meio de oficinas de criação literária e artística, semanais, com foco em estudantes da rede municipal de ensino e da Escola de Vida do HSVP, que abrange pacientes do Centro Oncológico Infanto-juvenil do Instituto do Câncer do HSVP, vem sendo conduzido pela Academia Passo-Fundense de Letras, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo.

Nossos respeitos e admiração a todos os envolvidos com esse projeto. Em especial, as acadêmicas Dilse Piccin Corteze (coordenadora) e Elisabeth Souza Ferreira, o professor Edemilson Brandão (Secretário Municipal de Educação), a professora Silvia Ricci (da Classe Hospitalar Escola de Vida) e Claudio Janczak (colaborador do projeto).

Outro sonho confessado por Emily era ter um Opala. Quem sabe, numa noite dessas, se você olhar para o céu e, poeticamente, ouvir um ronco de motor, não seja ela, que ficou encantada, passeando entre as estrelas que tanto amava.

Quanto à ilustração feita por Emily, decidi não colocar no texto, como fora solicitado, mas, em homenagem à sua memória, na capa do livro “Cultivando Talentos 2018”. Prestígie esse projeto! Leia o livro!

Onde está a criatividade na sua vida?

por Jéssica Limberger

Dias atrás, uma amiga me disse que cada vez que lia meus textos ficava pensando de onde eu tirava tanta inspiração. Em outra ocasião, outra amiga me sugeriu que eu escrevesse sobre o processo criativo. Eis a proposta do texto de hoje: refletir sobre como a criatividade faz parte do nosso cotidiano e como ela pode trazer mais felicidade para nossas vidas.

Talvez muitas pessoas acreditem que ser criativo é coisa de artista, de quem é pintor, cantor ou poeta. Entretanto, você já parou para pensar naqueles momentos em que teve novas ideias ou encontrou alguma solução criativa para algum problema? Pois bem, a criatividade tem a ver com isso: encontrar novas formas de ver, entender e fazer. Também, podemos usar a criatividade para resolver problemas. Quando somos criativos, olhamos para vários ângulos, percebendo que existem diferentes possibilidades para a mesma questão.

Para ser criativo é necessário estar atento aos sinais do cotidiano que podem servir de inspiração. Se pararmos para pensar, não faltam oportunidades para termos ideias criativas. Afinal, muitos de nós passamos a maior parte do tempo diante de estímulos, seja nas conversas com amigos ou colegas de trabalho, seja na internet ou na televisão, talvez esse seja o ponto: saber lidar com tantas informações, filtrando o necessário do desnecessário, de maneira que estejamos conectados com o momento presente. Quando estamos vivendo o aqui e o agora, sem sofrer com o passado e sem se preocupar em excesso com o futuro, vivemos o presente com mais intensidade e criamos novas conexões em nosso cérebro. Ao nos

conectarmos com o presente, percebemos nele as inspirações que conduzem a nossa criatividade, seja nos momentos de lazer ou nos momentos de trabalho.

A criatividade também exige esforço e treino. Acho interessante pensar que o processo criativo é principalmente ativo. Não basta ter a “inspiração”, é necessário exercitar a criatividade. Você pode ter a ideia brilhante de plantar flores em vasos para embelezar o seu apartamento ou a sua casa. Essa pode ser a inovação, uma ideia criativa para o seu lar, que depende da sua ação para ser concretizada.

Se estivermos falando de “colocar a mão na massa”, estaremos falando de esforço. Sim, a criatividade exige esforço e persistência para que seja aperfeiçoada. Independente das áreas em que buscamos exercer nossa criatividade, seja escrevendo um texto, tocando um instrumento ou preparando uma receita, vamos aprimorando nossas habilidades. Quando colocamos nossa criatividade em prática e ficamos satisfeitos com o resultado, motivamo-nos para seguir tendo ideias criativas. Assim, a felicidade se torna mais presente, pois, ficamos satisfeitos com a nossa capacidade de criar algo.

Assim como a criatividade, a felicidade é um processo, construído dia após dia. Não podemos ser criativos o tempo inteiro, tampouco sermos felizes o tempo inteiro. Assim, é importante valorizar nossas experiências positivas e também compreender as experiências negativas, percebendo que elas fazem parte das nossas vidas, e aprendendo com elas.

Lembra que iniciei o texto falando sobre como surgiu a ideia de escrevê-lo? Pois bem, para que este texto que você está lendo existisse, lembrei-me das falas de duas amigas, usei a minha criatividade para organizá-lo de maneira que fosse atrativo, revisei, pedi sugestões para colegas e agora ele chega até você. Que este texto, escrito em processo criativo, contribua para novos momentos de criatividade na sua vida!

Quem torce por ti?

por Jéssica Limberger

Tão bom quanto ter momentos felizes na vida é ter com quem dividi-los. Alguém em quem tu confias e que vibra com as tuas conquistas: alguém que torce por ti. Quando tu partilhas uma conquista com alguém especial, é como se aquela conquista não fosse só tua, transforma-se em conquista ainda maior, pois é uma conquista compartilhada.

Ter alguém que torce por ti e que acredita no teu potencial faz toda a diferença. É claro que é importante que saibamos e acreditemos no nosso potencial. Por sua vez, naqueles momentos em que desanimamos e até pensamos em desistir, serão as pessoas que torcem por nós que nos apoiarão e nos lembrarão do quanto somos capazes.

Quem está na torcida não faz as coisas por nós, pois, sabe da nossa capacidade. Estar na torcida é estar em sintonia, conectado e vibrando com as conquistas e apoiando quando houver derrotas. Tu estás lá, no jogo da vida, lutando pelos teus sonhos. Quem torce por ti, te impulsiona a seguir em frente.

Melhor que ter uma pessoa que torce por ti é ter várias pessoas que torcem por ti. Pode ser tua amiga, teu marido, tua mãe, teu pai, teu irmão ou tua psicóloga. Pode ser teu colega, teu professor, tua madrinha ou tua avó. Uma pessoa que torce pelas tuas conquistas é a pessoa que vale a pena ter por perto.

Além de termos a alegria de contar com quem torce por nós, sejamos também torcedores: saibamos incentivar, apoiar e torcer pelos sonhos que habitam os corações das pessoas. Tão bom quanto ter alguém que torce por ti é torcer por alguém.

Vamos refletir sobre a depressão?

por Jéssica Limberger

No Dia Mundial da Saúde, 7 de abril, a OMS - Organização Mundial da Saúde nos convida a pensar sobre a depressão. No mundo a depressão é crescente e o Brasil é o país com maior prevalência de depressão na América Latina, de acordo com a OMS. Esses dados reforçam a importância de estarmos cada vez mais informados e atentos sobre esse transtorno, que impacta negativamente a vida de tantas pessoas.

Por muito tempo a depressão não teve a atenção necessária e a falta de informação gerou preconceito e ideias equivocadas acerca das pessoas deprimidas, como se fosse uma “frescura”, “coisa de quem não tinha o que fazer”. Acontece que a depressão não é frescura, mas, transtorno que necessita de tratamento adequado. Infelizmente, ainda seguem muitas ideias erradas sobre a depressão, o que acaba dificultando que as pessoas busquem tratamento, pois, podem estar sentindo vergonha ou culpa por estarem deprimidas.

Além da informação, é muito importante que a sociedade possa se conscientizar sobre esse transtorno. Talvez algumas pessoas só compreendam o tamanho do sofrimento envolvido na depressão quando a própria pessoa ou alguém próximo passe por isso. Em vez de julgar a situação pela qual a pessoa está passando, colocar-se no lugar dela e apoiá-la pode fazer muita diferença.

É importante lembrar que a depressão é diferente da tristeza. A tristeza faz parte da nossa vida, pois é um sentimento que acompanha perdas, decepções e frustrações. Sentirmos tristeza diante de algo, chorarmos e ficarmos tristes demonstra o quanto aquela situa-

ção teve impacto em nossas vidas. A tristeza também pode nos auxiliar na mudança de comportamentos, quando percebemos que as coisas não estão indo bem e desejamos tomar novas atitudes.

Com os momentos tristes, seguimos nossas vidas, trabalhando, estudando e tendo nossas relações sociais. Já, na depressão, a intensidade da tristeza é bem maior e faz com que tenhamos dificuldade em seguir com nossas atividades, prejudicando diferentes áreas, como família, trabalho, estudos, entre outros. Na maior parte do dia e em quase todos os dias, a pessoa deprimida se sente “vazia”, triste e sem esperanças. Assim, há uma grande diminuição das atividades que anteriormente lhe causavam prazer.

Talvez a pessoa deprimida se encontre em um estado de tamanha dificuldade, que não veja possibilidades de mudança e não imagine que possa viver de maneira diferente. É como se a pessoa estivesse usando óculos escuros, que faça com que veja só o que há de negativo em si mesma e ao seu redor, sem esperanças quanto ao futuro.

Infelizmente, muitas pessoas acabam não buscando o tratamento adequado, o que contribui para que o sofrimento se torne cada vez mais intenso. Com isso, sentimentos de desesperança, desespero e desamparo acabam se associando com o suicídio. Nesses casos é importante lembrar que a pessoa não quer necessariamente colocar fim à própria vida, mas, que ela não consegue ver outra possibilidade de lidar com o seu sofrimento. Dessa forma, as pessoas próximas, como familiares e amigos, possuem muita importância no auxílio a esta pessoa na procura por tratamento.

É importante lembrar que os sintomas que compõe a depressão devem ser avaliados por um profissional da saúde. As buscas por profissionais como psicólogos e psiquiatras são importantes, a fim de que um diagnóstico preciso seja elaborado e que os tratamentos mais efetivos sejam realizados. Se cada vez mais pessoas compreenderem que a depressão não é frescura, mas, transtorno que requer tratamento, mais pessoas poderão buscar auxílio, havendo mudanças positivas em suas vidas. Que nesse Dia Mundial da Saúde tenhamos mais informações e reflexões sobre a depressão, auxiliando a nós mesmos e aos demais.

Futebol, o Truque

por Jorge Alberto Salton

01

Desde adolescente ando às voltas com a literatura. Escrevi e publiquei contos e crônicas, anotei vários esboços para o romance que um dia iria colocar no papel. Por uma razão ou outra, tal dia nunca amanhecia. Finalmente, sento-me para escrever para valer e tenho uma grande surpresa: nenhuma daquelas inúmeras ideias, rascunhadas ao longo de tantos anos, atraem o meu interesse. E a história que jamais pensara escrever se impõe e me envolve por completo.

A história que vejo brotar é a de um técnico de futebol. Arthur Jorge retorna, após muitos anos de exílio voluntário, a sua cidade natal, contratado que fora para salvar o time prestes a cair de divisão. É segunda-feira, o jogo decisivo se fará no domingo. De imediato, recebe uma carta anônima com a gravura do quadro *O triunfo da morte* de Pieter Brueghel, sobre a qual se lê a ameaça: “Breve te farei um destes, seu borra-bosta”. A história segue com um tom de suspense, o personagem principal vive sob a sensação constante de ameaça.

O triunfo da morte havia me chamado a atenção por ocasião de visita ao Museu do Prado, tanto é que acabei adquirindo o seu slide. Por que o incluí em *Só valentes constroem miragens*, meu primeiro romance? Aos poucos, fui percebendo que, por trás da história sobre futebol, havia outra história.

Inseri Arthur Jorge em dois mundos. O mundo de meu pai, Wolmar Salton, do futebol do interior, e o de Armando Annes, meu avô materno, mundo da Revolução Federalista, do quadro do Museu do Prado.

Dialogando com pessoas antigas e lendo anotações históricas, fui descobrindo que esses dois mundos pertenciam a quase todos que moraram por aqui e se constituíam faces de uma mesma moeda. Sim, na minha cidade uma revolução se seguiu e se desfez com o futebol.

Explico melhor.

A história contemporânea de Passo Fundo principiou há pouco mais de cem anos com uma tragédia. Para nós, a Revolução Federalista foi uma guerra civil sem precedentes. Por que eclodiu no sul do Brasil essa tragédia devastadora entre os anos de 1893 e 1895? Não existem explicações suficientemente esclarecedoras.

Os federalistas, liderados por Gaspar Silveira Martins e pelo guerreiro uruguaio Gomercindo Saraiva iniciaram a marcha, da fronteira do Brasil com o Uruguai, e alcançaram a fronteira do estado do Paraná com o estado de São Paulo. Segundo alguns historiadores, se não lhes houvessem faltado cavalos teriam ultrapassado São Paulo e tomado no Rio de Janeiro o poder central.

Foram combatidos pelos republicanos, legalistas, que estavam no poder no Rio Grande, liderados por Júlio de Castilhos e por Píneiro Machado.

Os republicanos, chamados de “picapaus” ou “chimangos”, usavam amarrado ao pescoço lenço verde ou branco. O lenço dos “federalistas”, “maragatos”, era vermelho.

As tropas de Gomercindo Saraiva cruzaram duas vezes por Passo Fundo. Na primeira, quando subiam em direção ao centro do país, as famílias dos políticos republicanos correram a se esconder no mato. Na segunda, quando Gomercindo retornava ao Rio Grande, os republicanos, mais organizados e aparelhados, inclusive com metralhadoras, esperaram-no para o confronto decisivo. A principal batalha desta guerra civil operou-se aqui.

Certo dia, tendo em mãos o livro *Voluntários do martírio*, de Ângelo Dourado, médico que acompanhou durante todo o tempo as tropas de Gomercindo Saraiva, refleti frente aos marcos daquela batalha. Apenas doze quilômetros separam o centro de Passo Fundo do distrito de Pulador, local onde se operou a matança. Mais de três mil homens de cada lado.

A guerra é abominável, mas, uma guerra civil consegue ser pior que o abominável. Leio: “Ao ouvir o sinal de carga eu corri para a coxilha e ali vi o espetáculo mais lugubrememente grandioso que só a presença e a vista podem dar ideia”. (...) “Alguns feridos fizeram-me voltar a meu posto, entre eles, Nunes com uma bala que atravessou-lhe a garganta perdendo o uso da palavra. Apliquei-lhe com urgência um aparelho e ele ainda voltou para comandar por meio de acenos”.

Frente aos marcos da batalha, com Voluntários do martírio nas mãos, volto minha imaginação para o momento imediatamente posterior àquela matança. Interesse-me pelo depois. O que fazer? Ir embora às pressas deduzo.

Posso supor que as carroças davam saltos e, em cada salto, os gritos dolorosos dos infelizes feridos, amontoados, sem cobertores, sobre a tábua dura colorida de vermelho-sangue. Frio intenso cobria os campos de geadas. Muita pressa. Por seis horas, seis mil homens tentaram matar uns aos outros. Só aqui, no campo onde estou com o livro entre as mãos, mil foram mortos. Fora eficiente a estreia da metralhadora na América do Sul.

Após a matança, os sobreviventes iniciam viagem triste, fuga do horror. Mas o horror nunca fica para trás. Folheio o livro: “Não tendo carretas para conduzir tantos feridos, mandavam matar os que estavam em pior estado para aliviar a marcha”.

Breve parada. O que se vê? Sepultura rasa com vários corpos. Uma mão agarrada à raiz mais próxima. Enterrado vivo.

Outra parada. Para deixar quem geme demais, quem sofre demais. Ninguém quer ficar. Prefere morrer sofrendo nas carroças, mas, junto aos companheiros, com os malditos solavancos, a sentir o pânico de serem alcançados vivos pelo inimigo e, pouco a pouco, mutilados até a morte.

Assim segue aquela viagem triste iniciada na tarde do dia 27 de junho de 1894.

Acampam. O estado do coronel Brasil é desesperador. Ângelo cuida dele antes de deitar ao sereno da noite fria. Uma pequena cerração. O cansado médico vê, numa volta do caminho, uma dili-

gência. Diligência?! Não há diligências nesta região. Não, não é uma diligência. Uma casa? Já tinha viajado na diligência e alcançara a tão desejada casa? Casa é o que mais quer na noite gelada, invadida por gemidos e por lamentos inúteis. Desfaz-se a pequena cerração. Não há diligência, não há casa, há um cavalo morto na beira da estrada. Pobre Ângelo que, metido naquele emaranhado de morte e insensatez, ainda consegue metamorfosear morte em vida, na metamorfose do cavalo morto.

A viagem segue. Escreve o avô do escritor Autran Dourado: “Ontem foram degolados vinte e tantos que se achavam em uma casa descansando (...) Furaram-lhe os olhos e deixaram que ele caminhasse só por muito tempo, dando gargalhadas por verem-no cair. Afinal, degolaram-no!...” Sim, como sempre acontece, as atrocidades são cometidas por ambos os lados. A viagem segue... Segue por muitos dias... Meses... Anos.

02

Quando me debrucei sobre este tema, ao escrever o romance Só valentes constroem miragens, passei a perguntar a uns e outros que por aqui vivem: aquela tragédia afetou o seu bisavô, avô, mãe...? Como foi que eles lidaram com o pós-guerra civil?

Passo Fundo, no período da Revolução Federalista, viu sua população ser reduzida de vinte e cinco mil para quinze mil habitantes. Um rebanho de cento e cinquenta mil cabeças de gado desapareceu. E não há medida do quanto desapareceram os bons sentimentos nas famílias que sobraram. Muita dor pelas perdas e muito desejo de vingança. Que fazer com todo aquele ódio, já que se tiveram de continuar a compartilhar as mesmas ruas, as mesmas praças, os bancos escolares com os matadores de pais, de irmãos...?

Gervásio Annes e Prestes Guimarães, líderes maiores, os adversários maiores, estão enterrados no mesmo cemitério da Vera Cruz, a dez passos um do outro.

Heróis foram aqueles que, mal ou bem, no pós-conflito, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas. Que truques criaram para lidar, ousada e inteligentemente, com

aquela situação difícil? Descobri alguns daqueles truques ao recordar a convivência com meu avô e com meu pai.

Meu avô, Armando Annes, era o filho mais velho do Coronel Gervásio Annes, o principal líder republicano da nossa região. Viveu a Revolução nos primeiros anos de sua adolescência. Seu pai fora ferido em batalha quando ele tinha treze anos. No pós-guerra civil não seria ele um dos alvos preferidos da vingança? Haveria algo melhor do que matar o “guri do Gervásio”, como o chamavam?

Sei, hoje, que sua biografia ficou marcada por aqueles acontecimentos. Gervásio Annes, por prudência, enviou o seu filho mais velho a São Leopoldo, para estudar. Mais adiante, ainda bem jovem, Armando Annes monta, com outro sócio, uma casa de comércio em Porto Alegre, na rua Uruguai. Depois, embarca em um navio e vai residir na França, na Paris do início do século. Ou seja, quanto mais longe de Passo Fundo... Mais longe da “morte anunciada”. No navio viajam familiares de Santos Dumont, a travessia do Atlântico leva tempo suficiente para se estabelecerem amizades. Em Paris, meu avô convive e acompanha muitos dos feitos de Santos Dumont.

Gosta muito de lá e se sente morador de Paris. Retorna a Porto Alegre com a intenção de desfazer a sociedade na casa de comércio da rua Uruguai, arrumar suas finanças e se estabelecer para sempre na Europa.

Todavia, começa a I Guerra Mundial. Acompanhando o seu desenrolar, vai se envolvendo com os negócios. Teve empresas até em Buenos Aires e, inclusive, uma casa bancária. Com o falecimento do Coronel Gervásio, seu retorno à Europa se torna ainda mais difícil. São muitas coisas a resolver, negócios, família etc. Vai ficando, fica mais um pouco, acaba virando prefeito de Passo Fundo por três vezes, figura marcante na comunidade.

Automóvel, calçamento, aeroporto, enfim, todas as novidades da época foram trazidas por ele. Muitas, nem sei se foram realmente por ele. Porém, criou essa imagem. Seu pai havia construído a primeira usina elétrica do município. Ele, quando assume a prefeitura pela primeira vez, retira os lampiões dos postes de iluminação pública e os substitui por lâmpadas elétricas.

Com muito tato, gostava de fazer observações bem-humoradas sobre as pessoas, que agradava até as escolhidas como alvo. Como era agnóstico, sofria, na política, o combate da Igreja Católica. Quando um padre o atacava no sermão de domingo, na segunda ia visitá-lo. Ele sugeria outra versão para o ataque, em versão bem-humorada. Contava alguma história engraçada sobre determinado bispo. Exercitava o prazer de desmascarar as pessoas de forma bem humorada, não agressiva. Segundo ele, todos temos um lado safado.

Havia toda uma mística em torno dele. Afinal, vivera na Paris do início do século, acompanhara Santos Dumont, falava francês, acumulara muita leitura, a Igreja não o conseguia derrotar, dizia tudo o que pensava...Mas, esse meu avô, que falava de tudo, absolutamente nada comentava sobre determinado assunto.

Passei a infância e parte da adolescência visitando-o diariamente. Pela manhã, das dez às onze horas. À tarde, na hora do chá, às quinze e trinta. Não comparecia pela manhã somente quando frequentava o colégio. Então, eu o ouvia falar de tudo. Mas, de um assunto ele nunca falou: a Revolução Federalista. Só uma vez disse, de passagem, que vira um homem ser degolado.

Convivi com ele quando havia decidido se aposentar: construíra uma área envidraçada na frente da sua casa e lá recebia as pessoas, somente com hora marcada. Eram muitas as que iam até ele perguntar alguma coisa.

Com coragem para falar de tudo, meu avô não falava uma frase sobre a Revolução Federalista. Aliás, no processo de escrever meu primeiro romance, de conversar com os mais antigos, de ler textos que os antepassados deixaram escritos, constatei o quão pouco se faz referência à Revolução Federalista. Nas escolas, sequer era citada aos alunos. Conclusão, a primeira parte do truque: não vamos falar nesse assunto!

Mas, como segurar aqueles duros sentimentos acumulados? Uma hora ou outra haveria uma explosão desenfreada, uma nova catástrofe? Era necessária uma válvula de escape. Era necessário encenar tudo aquilo... Refazer ludicamente... Elaborar... Ruminar... Digerir...

Nas primeiras décadas do século vinte, em inúmeras cidades do Brasil foram fundados clubes de futebol. Em Passo Fundo não foi diferente. Porém, se observarmos bem, aqui houve algo peculiar.

Em 1918, foi fundado o S. C. Gaúcho, curiosamente com a cor verde, ou seja, a cor dos republicanos, dos castilhistas. Pouco tempo depois, em 1922, surgiu o 14 de Julho, com a cor vermelha dos federalistas, dos maragatos. A segunda parte do truque! Não se fala em maragatos nem em chimangos; fala-se em gaúchos e quatorzianos.

Conheci de perto esse truque. Cresci acompanhando jogos e treinos do Gaúcho, levado por meu pai, o patrono do clube. Uma curiosidade: Luis Felipe Scolari, técnico do penta, quando criança, era torcedor do Gaúcho. Morava, inclusive, próximo ao estádio.

Um time do interior é em tudo diferente dos grandes clubes das capitais. Reúne em seu estádio um pequeno grupo de homens aflitos. A cada campeonato o clube pode ser eliminado da competição, baixar de divisão, o que significa sua quase extinção. Jamais imaginam ganhar qualquer título, não guarda a alegria de se sentir campeão, o maior, o melhor. Apenas, o alívio de escapar do fim.

Acontecia de tudo no vestiário do Gaúcho: a vida que eu não via na família e na escola estava lá, a vida real estava lá. Até hoje gosto das farmácias, daquele cheiro de remédio. Gosto porque no vestiário do Gaúcho havia esse cheiro no ar. Num dado momento aparecia o enfermeiro Napoleão e aplicava uma injeção endovenosa em cada um dos atletas. Houve ocasião em que, devido a súbita piora do tempo, o jogo era cancelado. O que fazer com os jogadores? Liberá-los daquele jeito pela cidade? Mantê-los presos no vestiário, com a energia das ampolas do seu Napoleão?

Nosso centroavante, exímio chutador, não tinha mais forças para chegar na bola antes dos zagueiros. Solução: enfiar dinheiro em suas meias. Durante o jogo, ele mostrava para o zagueiro: “Chega um pouquinho atrasado e é teu”. Dinheirinho à vista, pago na hora.

Certa vez ouvi determinado árbitro dizer: “Assim não adianta vocês me comprarem, eles (o time adversário) compraram o goleiro de vocês”.

Os jogos passavam em clima de agonia. O médico, a quem minha mãe acabara de me levar a consultar, estava lá a gritar palavrões espetaculares. Havia o sujeito que repetia, em cada jogo, o ritual de passar com a bandeira do clube correndo em frente à torcida do 14 de Julho. Voltava sujo de laranja, camisa rasgada, mas, aplaudido como herói. Outro exercia a função, por ele mesmo determinada, de acompanhar por fora do alambrado um dos bandeirinhas orientando-o sobre como proceder em cada lance. Ameaçava, xingava, elogiava, agradecia, desaforava ininterruptamente durante todo o jogo.

Um grupo permanecia na copa do clube, bebendo e ouvindo o jogo pelo rádio. Vibrava fanaticamente com o gol do time, correndo até o alambrado. Ato contínuo: retornava às pressas para a copa.

Mas, acima de tudo, me impressionava a sinceridade daquelas pessoas. O sofrimento daquelas pessoas. A vida estava ali. Um homem ganhou o carro sorteado pelo clube, deixou-o como doação e continuou sem condução.

A cidade seguia dividida. Metade era federalista, maragato, liderada por Prestes Guimarães? A outra metade, republicana, liderada por Gervásio Annes? Não, nada disso. A metade com as cores verde e branca dos republicanos? A outra metade com as cores vermelhas dos federalistas, como o famoso lenço vermelho? Não, nada disso. A metade estava com a cor vermelha do 14 de Julho e a outra metade com as cores verde e branca do Gaúcho. Os estádios lotavam. As disputas eram acirradíssimas. Durante cem anos não se falou na guerra civil que aqui houve. Os homens da revolução saíram de cena e deram lugar aos homens do futebol.

Em Só valentes constroem miragens, a certa altura promovo o encontro entre Pedro Nassar, coureiro, homem de várias mortes, que carrega consigo a faca que seu avô usou nas degolas da guerra civil, com Artur Jorge, o técnico. O encontro do homem da revolução com o homem do futebol.

Lutam. Pedro Nassar tem o técnico sob o seu domínio. Resolve fazer o que sabe, degolá-lo. Manda-o tirar a roupa, como faziam antigamente, para que ela não se sujasse de sangue já que passaria a

ser sua propriedade. Degola é boa de sangue quente. Uma troteada. Artur Jorge, pelado e de sapato, corre ao lado de Pedro Nassar, vestido, com revólver no coldre e a famosa faca na cintura, nas costas.

A certa altura, de forma inesperada, Pedro Nassar inicia sua queda para frente. O técnico, ex-jogador de futebol, batera com o pé esquerdo no pé direito do coureador, bem no momento em que este, levantado, iria cruzar pelo pé de apoio. Tranco sutil e eficiente de zagueiro curtido no futebol do interior. Artur Jorge, esticando rapidamente o braço, consegue alcançar o cabo prateado. Bem... A lâmina penetra por entre as costelas. O homem da revolução sai da cena histórica, eliminado pela chegada do homem do futebol.

Artur Jorge, antes de ir embora, reúne folhas e grama e faz o travesseiro no qual deposita, com cuidado, a cabeça morta de Pedro Nassar.

Um gesto... Reconhecimento de que Pedro Nassar era também o seu passado. O homem do futebol é a continuação atenuada do homem da revolução das degolas. É inegável a similitude: no futebol também existe o “capitão”, o “artilheiro”. Nosso principal atacante, Bebeto, era chamado de “canhão” da Serra.

Sartre dizia: “os demônios são os outros”. Para a metade de nós, passo-fundenses, os demônios eram os vermelhos. Para a outra metade, eram os verdes. E, felizmente, não estávamos a nos referir aos maragatos e aos chimangos.

As sequelas daquela bárbara guerra civil foram pouco a pouco desaparecendo. Já não havia a necessidade de nossos clubes. Quando o 14 terminou, a disputa terminou; o futebol de Passo Fundo se esvaziou, numa prova de que a sua pujança e a sua força não eram devidas ao espetáculo. Havia outra função mais profunda.

Domingo após domingo vivi aquilo tudo, sem ter consciência, como todos, de que estávamos não só a apreciar um esporte. Estávamos coletivamente digerindo as sequelas de uma abominável guerra civil.

Ao mudar de cidade, para ingressar na faculdade de medicina, cheguei a pensar haver esquecido, ter deixado para trás aquele mundo. Fiquei dez anos afastado. Aos poucos, fui me desligando do futebol. O futebol não passava de um circo alienante para distrair o povo.

Morava há vários anos em Porto Alegre. Na ocasião, fazia curso de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando soube pelos jornais que o S. C. Gaúcho faria um jogo de desesperados no estádio do Cruzeiro. O último jogo do campeonato. Os dois precisavam da vitória. Com o empate os dois cairiam da divisão principal, aquele tão temido fim que sofri domingo após domingo durante tantos anos. Mesmo desinteressado, como andava pelo futebol, algo me fez ir ao estádio. O tempo estava para chuva e muito frio.

Meu pai, com doença grave, há muito não acompanhava o clube. Aquele senhor que orientava o bandeirinha me pareceu cansado, mas, estava lá, pronto para exercer a sua função.

O jogo principia e observo ao meu lado, no alambrado, um professor do curso de mestrado. Não me reconhece, professor daquelas disciplinas comuns a todos os mestrados da UFRGS; aulas magistrais, com mais de uma centena de alunos. Resolvo me apresentar. Ouço dele o quanto estava afastado do futebol, mas, nessa hora tão decisiva para o Cruzeiro...

Assistimos o primeiro tempo em silêncio, como dois intelectuais a observar aquele fenômeno da cultura popular brasileira. No segundo tempo, meu guarda-chuva passa a servir de abrigo para ambos. O jogo segue horrível, nem um chute a gol e o empate é o fim. Nossa cordialidade sob o guarda-chuva acaba aí pelos trinta e cinco minutos. O professor tem a infelicidade de dizer que o zagueiro-central de meu time não é gente, é um cavalo vestido com calções e meias. Respondo que meu zagueiro não está habituado a jogar contra “moças”. O professor passa a gritar para o Cruzeiro chutar em gol. Eu grito para meu time chutar em gol pelo menos uma vez. O professor, acostumado com as aulas magistrais do mestrado, consegue gri-

tar mais alto. Lá pelos quarenta minutos eu, num movimento brusco, retiro o guarda-chuva dele. O infeliz fica a se molhar na chuva fria de inverno.

O pior acontece: zero a zero. Cruzeiro e Gaúcho rebaixados de divisão.

Volto a oferecer o guarda-chuva ao professor, que, creio, aceita porque não esboça qualquer reação. Principia a escurecer e o frio se torna insuportável. Levo-o até o seu carro. Nós nem nos despedimos. O futebol, nas sofridas derrotas, obriga-nos a aprender a tolerar frustrações. Entro no meu carro ciente de que não esqueci, nem deixei para trás aquele mundo.

Conservo o sentimento de gratidão àqueles que, inteligentemente, souberam trocar o campo da batalha pelo campo do esporte, onde a consequência negativa não é a morte irreparável e, sim, apenas grosserias com ou sem guarda-chuvas e frustrações doídas. É verdade que há vezes em que dói demais.

Falando em futebol, como brasileiro, na maioria das vezes, não posso me queixar: a felicidade existe, sim! E, com ela, a alegria como deve ser vivida, com urras e foguetórios. Que truque!!

Loucura

por José Carlos Ramos Berton

Demência, descarada essência para loucos assumidos! Conflitando com metamorfoses aparentemente suas e de mais ninguém! Insana parte enrustida, maltratada! Componente conexo de utopias jamais tocadas. Sonhos em estágio único: o próprio anelo! As criações inoportunas do ser. Situações que constroem ou que ousam ser, ser, ser Por que suposições e murmurações? Por que desequilíbrios precisam de tratamento diferenciado se somos iguais? Ser ou estar? Estranha forma de enlouquecer. De fazer. De transformar existências. De aceitar ou fazer de conta. De sofrer consentindo ou revidar sorrindo, com o viso inocente de quem não tem nada a perder, afinal, somos louuuucos! Suportar os duros golpes. Nocautear desavisados seres sóbrios e sem graça. Mal sabem da liberdade de expressão, que clama por oportunidade! Anseios frenéticos pulsam desesperadamente, eclodindo sem limites, sem pudor. Quase um arsenal de duvidas numa alquimia solitária de componentes estranhos, desagrupados, desavisados numa aldeia desfocada por sombras e falácias por negligência. Grupos desencontrados a navegar sem norte, sem sorte. Loucos. Ricos. Que resta a quem busca o que nem sabe o quê? Sentam em assentos que não os seus. Usam a escova que nunca lhes pertenceu. Traga como se a última vez. Engole na histeria de quem por pouco quase sucumbiu. E assim, juntos, vivem demências compartilhadas, por vezes, desajustadas. Porém, conexas! Quando sós, labirintos de inúmeras saídas parecem sombras de uma só porta fechada. Por que acertar saídas se protegido parece estar? Por que o ajustar dos eixos? Por que cortar o barato? Por que tamanha loucura a marcar início e fim? Se a droga vem das mãos que vestem alvo - duvidar por quê?

Razão inalterada nas trocas de plantões. Nas inúmeras fases da lua. De breus e lamentos melancólicos, incitando cães em uivos sincronizados, sem ensaios. Mas que deram certo. Não bastam diagnósticos positivos ou não. De nada servem fieis assinaturas ao pé de laudos. Receituários passam a ser componentes da combustão, nas bocas de fogões e gargantas de lareiras. Lastros de amnésia, rastros de indignação. Prepotentes manipulam desafortunados cidadãos! Leitos alvos! Alvos leitos mesclados em cenário branco. Branco conteúdo de memórias. Branco aliado neutro do quadro inexistente. Comunidade seleta e ímpar. Justa, imparcial. Boa dose de loucura! daquelas que isenta de tudo! Lava as mãos. Se precisar, lava os pés. E, ao deitar para o sono merecido dos justos, repousa a cabeça no travesseiro de fronha tão alva quanto o contexto despretenso e livre! Ainda que a liberdade dure o tempo do sono. Livre para o sonho de inocentes.

A Gauchita de Soledade

por Juliana Santos

Todos os anos, a minha avó paterna, Vó Bina, ia para São Paulo visitar a tia Diva, irmã do meu pai, que morava há muito naquela cidade e que lá casou com o Daniel Zanini. Tia Diva era poetisa. Toda a semana participava, em São Paulo, de grupo de poetisas; reuniam-se à tarde para declamar e tomar chá, na Casa do Poeta.

Quando eu ia para São Paulo, com a avó Bina, tia Diva separava um poema e pedia que eu o decorasse, para declamar. Ficava dias treinando, até decorar. Antes da declamação ela dava as orientações necessárias, como: postura, entonação da voz, respiração e gestos. Não era só comigo que ela fazia isso, a cada criança que a ia visitar, Tia Diva dava um poema, para ser declamado no chá da tarde na Casa do Poeta.

Posso afirmar que, na primeira vez em que declamei, estava muito nervosa, com medo de esquecer alguns versos do poema e, assim, decepcionar minha tia. A casa onde declamávamos era um lugar lindo, visitado por pessoas elegantes e cultas. Tia Diva Zanini, era conhecida como a “Gauchita, de Soledade”. Ela declamava com voz forte e boa entonação, parecia que a saudade do Rio Grande diminuía quando se ouviam os versos.

Eu gostava de ir à São Paulo, cidade movimentada, com muitos recursos culturais, tão diferente da pequena Passo Fundo. Quando saía com ela, era apresentada como a futura Miss Rio Grande do Sul; Tia Diva estava sempre de bom humor e cumprimentava a todos pelo caminho. Convidava-nos sempre para jantares, mas, antes disso, levava-nos ao Salão de Beleza, para ficarmos lindas e eu, como sempre fui vaidosa, amava tudo aquilo.

Voltando à Passo Fundo aproveitei os poemas da Tia Diva, para os declamar no concurso que havia na escola em que estudava: EENAV - Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. Usava o lindo vestido de prenda azul, com fitas brancas, que a tia Diva havia me dado e que, até hoje, tenho guardado. Guardei também um livro de Dimas Costa, que o poeta autografou para mim. Comprado pela minha inesquecível tia Diva, em Porto Alegre, num encontro de declamadores que lá aconteceu naquela época.

Tia Diva já nos deixou. Ficou seu lindo legado de cultura, amor ao seu Estado e aos seus costumes.

Reis, Craque na bola e na vida

por Marco Antonio Damian

Em 1967, eu tinha 11 anos de idade e lembro que fui assistir os jogos todos os domingos daquele ano, quando houve futebol. O Gaúcho disputava a primeira divisão e o 14 de Julho, a segunda.

Certa tarde de sol, mas de intenso frio, estava com amigos na arquibancada atrás da baliza do Estádio Wolmar Salton, assistindo o Gaúcho jogar contra o Rio Grande. O Gaúcho tinha mais time e, jogando em casa, dava um sufoco no adversário. No Rio Grande eu via um extraordinário jogador, desarmava todos na entrada da área, sem fazer faltas; fiquei impressionado como aquele cara jogava. Usava a camisa número cinco.

Ao meu lado, um senhor mencionou: “como joga esse negão”! Outro, prontamente respondeu, joga muito e é daqui de Passo Fundo, finalizando: “filho do véio Custódio”. O jogo terminou zero a zero, graças ao filho do velho Custódio e ao goleiro.

Quando cheguei em casa, falei com meu pai sobre aquele jogador. Chamava-se Reis, jogava muito e no final da temporada foi escolhido o melhor da sua posição no campeonato gaúcho. No ano seguinte, estava no Grêmio e foi campeão estadual. Depois, perdi Reis de vista, foi jogar em clubes menores e fora do Rio Grande do Sul.

Um dia estava caminhando e vi uma carroça puxada por um cavalo e seu condutor me chamou a atenção. Era ninguém menos que o Reis. Pensei: “Puxa vida, este cara é o Reis, conduzindo uma carroça, por quê?” Depois, mais uma vez, o perdi de vista. Eu o conhecia. Sabia que tinha sido o craque que, na minha adolescência me encantou com o seu futebol; depois ajudou o meu Grêmio a ser campeão. Mas, Reis não tinha a menor ideia de quem eu era.

Passaram algumas décadas e comecei a escrever sobre a história do nosso futebol. Fui entrevistar um antigo ídolo do Rio-grandense, Seu Argemiro Custódio. Recebeu-me em sua casa de maneira comovente. Estava velhinho e me contou muitas histórias. Aí, perguntei sobre o seu filho, Reis. Era um de seus orgulhos. Contou-me que sua esposa esperava mais um filho, que se fosse menino se chamaria Jorge. O menino nasceu em 6 de janeiro, dia dos Reis Magos, data celebrada pelo cristianismo. Assim, Jorge ganhou também o nome de Reis. Foi registrado e batizado com o nome de Reis Jorge de Carvalho Custódio.

Algum tempo depois, Reis Jorge me foi apresentado pelo seu irmão, Saul Custódio. Conteí a história de que o havia visto jogar pelo Rio Grande contra o Gaúcho e havia ficado seu fã. Reis se emocionou e nos tornamos amigos, embora alguma diferença de idade.

Definirei Reis como dos melhores seres que conheci. Trabalhava na empresa Semeato, era funcionário exemplar, daqueles chamados padrão, querido pelos seus superiores e pelos seus colegas. Era um gentleman, pessoa de fino trato, humilde, bondoso, ficava ruborizado com os elogios. Estive algumas vezes em sua residência, que se localizava na Rua Frei Caneca. Recebeu-me, juntamente com sua esposa e seu filho, com enorme fidalguia. Para Reis e seus familiares, eu era uma pessoa extremamente importante, como todos os seus amigos eram.

Durante anos, certamente mais de dez, encontrávamo-nos com outros amigos para um bate-papo e cervejinhas no Bar do Cardoso, também ex-jogador de futebol. Reis prestigiou os lançamentos de alguns de meus livros.

Reis estudou no Colégio Conceição, foi muito bem educado por seus pais; jogou no 14 de Julho, ainda muito jovem. Foi servir o Exército Nacional, em Livramento, e jogou no Grêmio Santanense. Formou meio de campo luxuoso ao lado de Amorim. Jogou no Rio Grande, Grêmio e outros clubes.

Um dia fui surpreendido com um telefonema de seu irmão, Saul, que sabia o quanto eu prezava a amizade de Reis, e a recíproca era verdadeira. Saul, com a voz embargada, avisou que Reis havia falecido. Um enfarte fulminante levou meu amigo.

Fui ao velório, que ocorreu nas capelas do Bairro Planaltina. Estava muito frio, mas, com bonito sol, como no dia em que o vi destruindo o ataque do Gaúcho, em pleno Estádio da Montanha.

No momento em que lá cheguei havia poucas pessoas. Reis estava com aspecto tranquilo, parecia dormindo, dentro do caixão humilde, assim, como humilde ele fora. Claro que a tristeza dominava a todos, inclusive a mim.

Passaram seis anos, Reis faleceu no ano de 2012; sempre pensei em homenageá-lo com um texto sobre o craque e o ser humano excepcional que ele foi. Hoje de manhã, fui instado pelos amigos, Miguel Guggiana e Ernesto Zanette, a escrever uma crônica e me lembrei de homenagear Reis Jorge de Carvalho Custódio.

A Figurinha que faltava

por Marco Antonio Damian

No embalado dos meus netos, que me pedem para comprar pacotinhos com figurinhas do álbum da Copa do Mundo de 2018, lembrei-me da minha infância e da minha intimidade com as figurinhas. Entre meus sete e treze ou quatorze anos, gostava muito dos álbuns de figurinhas. Álbuns dos personagens da Disney, álbum de animais pré-históricos, álbum de atores e atrizes de cinema e, naturalmente, álbuns de futebol. Desde a Copa do Mundo até os campeonatos Robertão. Ah, tinha também figurinhas que vinha nos chicletes e nos vidros de Toddy, essas, chamadas de Os Patrulheiros Toddy. Eu vibrava com cada pote de Toddy que minha mãe comprava; despejava o chocolate em outro recipiente para pegar as figurinhas que estavam no fundo do frasco.

Em 1969, tinha 13 anos de idade; estudava no curso ginásial do Colégio Conceição e morava na Rua Bento Gonçalves, quase esquina com a Rua Paissandu. Nesse ano foi inaugurado o Estádio Gigante da Beira-Rio, do Internacional, que lançou um belo álbum de figurinhas. Tinha figurinhas de alguns ídolos do passado, de diversos ângulos do estádio e dos jogadores que compunham o elenco de 1969. Acho que era isso, se bem me lembro.

Embora gremista, mas fanático por coleção de álbuns de figurinhas, fui até a Casa Pinguim, que na época se situava na Avenida Brasil, defronte ao Banco do Brasil e comprei o álbum e alguns pacotinhos de figurinhas. O dinheiro para esse lazer eu conseguia realizando pequenos serviços para a minha mãe, para o meu pai, minhas tias e meus tios. Por exemplo, ir ao armazém, cortar lenha para o fogão, realizar algum servicinho doméstico ou dar pequena “mordida” em algum adulto da família.

Lá pelas tantas, no passar do tempo e com o álbum se completando, as figurinhas duplas chegavam aos borbotões. Com meus amigos, vizinhos ou colegas de aula, que também tinham o mesmo álbum, encontrávamo-nos em frente da Pinguim para o famoso troca-troca. Tem o fulano, perguntava alguém? Eu, com destreza pouco vista desfilava de uma mão para outra a pilha de figurinhas. Não tenho, era uma decepção.

Lá pelas tantas com o fogo do início da coleção se arrefecendo, não valia a pena comprar mais pacotinhos, pois vinham sempre as mesmas figurinhas. Lembro que no meu álbum faltavam oito ou nove figurinhas, não recordo direito. O álbum foi guardado assim mesmo.

Certo dia, passado mais de mês da minha desistência em completar o álbum, estava na frente da minha casa, onde tinha uma pequena mureta entre o portão, sentado com dois meninos da minha idade, meus vizinhos, que não lembro exatamente quem eram. Vindo da Rua Uruguai, subindo a Bento Gonçalves, um jovem senhor, que deveria ter uns 30 e poucos anos, parou, nos olhou e perguntou: “Vocês fazem o álbum do Inter?” Sim, respondi. Ele abriu o coração e disse: “Sou de Carazinho e vim a Passo Fundo para tentar conseguir a figurinha que falta para completar o meu álbum, o Urruzmendi”. Aquele senhor devia ser fanático torcedor do Internacional ou apenas um colecionador, possivelmente, com filho pequeno, e queria completar a coleção. Urruzmendi foi um ponteiro-esquerdo uruguaio bom de bola, da seleção de seu País, mas que não teve muita sorte jogando por aqui. Não se destacou. Não perguntei o seu nome, pois, acho que não me interessava. Respondi que tinha a figurinha do Urruzmendi, mas, estava colada no álbum. Não tinha nenhuma dupla. Então, ele falou: “Pois, dou 500 cruzeiros agora para você descolar do álbum e me vender a figurinha”. 500 cruzeiros era uma nota cinza que valia muito, principalmente para mim.

Entrei em casa e falei o que ocorria para a minha mãe. Naquele momento estávamos passando por alguma dificuldade financeira e aquele dinheiro seria ouro para comprar alguns mantimentos que faltavam. Peguei o álbum e dei a minha mãe. Tinha água quente no

fogão à lenha, para o chimarrão. Ela colocou a página com a figurinha próxima ao vapor da chaleira, a cola foi se desmanchando e a figurinha se descolando. Foi só pegar com o auxílio de uma faca e retirar a figurinha sem nenhum dano. Depois, minha mãe secou a figurinha com um pano e a entreguei àquele colecionador. Ele vibrava. Voltou para a sua cidade com o álbum completo e eu com 500 cruzeiros na mão. Ele agradeceu várias vezes e se despediu com um sorriso no rosto.

Peguei o dinheiro e o entreguei a minha mãe. Voltei à mureta, sentei e continuei a conversa com os amigos. Muito tranquilo, afinal, era apenas uma figurinha a menos num álbum incompleto.

Passado um ou dois dias, minha mãe me chamou e me deu dez cruzeiros daqueles 500 da figurinha. Poderia comprar alguma merenda no colégio ou sei lá, fazer qualquer coisa com aquele dinheiro. Comprar um gibi, sei lá. Sabe o que fiz? Comprei alguns pacotinhos de figurinhas daquele álbum. Cheguei em casa e, no primeiro pacotinho que abri, surpresa. Estava lá com seu rosto de índio uruguaio e camisa vermelha, Urruzmendi.

Hoje, lembrando o episódio começo a compreender. Um senhor vindo de Carazinho para localizar uma figurinha que certamente procurou exaustivamente em sua cidade. Poderia andar por qualquer lugar de Passo Fundo em busca do que procurava. Mas, passou ali, na rua onde eu morava e estava sentadona mureta, umas três ou quatro horas da tarde, resolveu perguntar se alguém colecionava aquele álbum e se tinha o Urruzmendi. Eu tinha e, pela grana e o apelo daquele senhor, retirei do meu álbum. Aquele dinheiro serviu para comprar alimentos que serviram a toda a família, e com a pequena sobra que minha mãe me repassou, comprei figurinhas e aquela me retornou. A felicidade se completou. Rigorosamente todos saíram felizes. Uma verdadeira obra de Deus.

O Heroico feito de Churchill

por Marco Antonio Damian

Seu Alfredo Dall'Oglio, madeireiro, residente em Passo Fundo era fã incondicional de Sir Winston Leonard Spencer Churchill, primeiro-ministro britânico do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Ao nascer um de seus filhos, deu-lhe o nome do estadista, Churchill, acrescentando Juarez ao pré-nome.

Aos 15 anos de idade Churchill Juarez Dall'Oglio gostava mesmo era de jogar futebol. Seu time era o São Paulo do Boqueirão. Sua posição ponteiro direito, em razão de sua velocidade e fôlego.

Em 1957, Passo Fundo vivia intensamente os festejos de seu Centenário e vários eventos esportivos foram programados. Um deles, a rústica do Centenário. Para ter o maior número de participantes a organização da corrida propôs aos clubes de futebol, profissionais, amadores e varzeanos, que inscrevessem seus jogadores, no limite de três por clube. O São Paulo do Boqueirão inscreveu seu maior velocista, Churchill.

Os 75 competidores inscritos tinham que realizar o seguinte percurso: saída na Rua Morom, defronte a antiga Casa Floriani (hoje Joalheria Sciessere) até a Rua Fagundes dos Reis, dobrando à esquerda em direção à Avenida Brasil. Ali entravam na Rua Coronel Chicuta até a atual agência do INSS. Mais uma quadra até à Rua General Neto, retornando à Praça Marechal Floriano, onde dariam três voltas em torno dela.

Churchill tinha exatos 16 anos e 9 dias. Franzino e inexperiente ante aquela multidão de atletas, deixou que todos largassem a sua frente. Saindo de trás em compasso uniforme, Churchill foi pouco

a pouco galgando posições. Viu vários de seus concorrentes exauridos, sentados nos bancos da praça.

Na última volta, estava mais de 200 metros na frente do segundo colocado, quando recebeu a bandeirada final do esportista Ruy Barbisan. Um menino foi campeão da primeira e única Rústica do 1º Centenário de Passo Fundo.

Cinquenta anos se passaram e o feito de Churchill continuou sendo cantado em prosa e verso. Nesse ínterim, a par de suas atividades profissionais, continuou praticando esportes. Corridas de rua, ciclismo, onde também foi multi-campeão, futebol de campo, futebol sete e futsal. Tudo à espera de 2007, ano do Sesquicentenário.

Quando foi anunciada a corrida rústica para o dia 12 de setembro último, começou a sua preparação. Corridas no campo Fredolino Chimango e nas ruas da cidade, durante aproximadamente dois meses.

Finalmente o dia. Aos 66 anos de idade competiu na categoria dos veteranos. Estava tranquilo na hora da largada. Tinha na memória a noite de 29 de março de 1957, quando vários atletas, que naquele momento pareciam estar muito mais preparados do que ele, ficaram para trás. Sua alegria no pódio, sendo entrevistado pela emissora de rádio, ele um menino, ainda.

Agora era diferente. Churchill, com toda a sua vivência e a experiência de um vencedor, preparava-se para feito único, inédito e histórico, ser campeão no Centenário e no Sesquicentenário. Ao seu lado, dezenas de competidores olhavam para aquele senhor, mas não sabiam de quem se tratava.

Ao deixar o Parque da Gare em direção à Igreja São Cristóvão e retornar ao ponto de partida, foram exatos 22 minutos e 45 segundos. Ele na frente, de novo.

Na chegada estavam seus familiares, esposa, filho e filha. Não estava mais sozinho. Churchill é um atleta excepcional, campeão do Centenário e do Sesquicentenário

Uma Moeda e Um Segredo

por Marlene Kremer

Lembro bem. Tinha a testa alta e um par de sobrancelhas que fazia um semicírculo acima dos olhos azuis-esverdeados e, morava conosco, na mesma residência, em um bairro simples da cidadezinha. Ainda hoje examino as feições do meu pai e vejo algumas semelhanças entre ambos. Minha avó paterna era linda, quase uma deusa. Assim eu a via. “Não saia correndo desse jeito, menina. Você pode se machucar”, dizia ela. “Cuidado com o vento frio quando toma café quente e sai no tempo, Maria Anita, a boca pode entortar”.

E lá voltava eu correndo para dentro de casa, obedecendo ao chamado.

Era o inverno de 1974, fazia um frio daqueles. Sem discutir, saía às pressas para pegar um agasalho apropriado e esperar o café esfriar um pouco. Os dias eram uma farra para mim e meu irmão Airton, que tinha um ano menos do que eu. Sempre fomos unidos. Na escola ficávamos meio de lado. Talvez timidez, talvez faltasse empatia. Sempre tivemos uma educação austera por parte de nossos genitores

Naquele dia, antes de sair, eu e meu mano nos deparamos com uma moeda qualquer na prateleira da cozinha (passado tanto tempo não sei precisar o valor), onde vovó e mamãe deixavam suas pequenas economias para alguma emergência. Numa troca de olhares de pura cumplicidade, deu-se a traquinagem: pegamos o dinheiro e então fomos para a escola. Ainda meio que duvidosos com relação à lisura do ato praticado, rumamos receosos em direção ao grupo escolar que nos acolhia e ficava a vários quarteirões do povoado onde morávamos. Nessa época, o dinheiro, ainda mais escasso, era mantido às escondidas. Óbvio. Porém a tentação foi maior do que nós dois

juntos. Não tínhamos noção alguma de onde “aplicaríamos” aquela pequena fortuna.

No final da manhã tocou a campainha nos corredores da escola, avisando que era hora de voltarmos ao lar. A rua que dava acesso para a nossa casa era uma avenida muito reta, feita com paralelepípedos. O caminho da volta se tornava ainda mais longo, debaixo do sol escaldante, quando verão. Assim, devido à fome e a falta de açúcares, nossos organismos pedia a presença de algum alimento, ainda que fosse algo que não nos alimentasse de forma adequada. Uma soma de gula e curiosidade se apossou de nós dois. Havia aquela moeda conosco, que destino dar a ela?

Após andarmos três ou quatro quadras, deparamo-nos com o único armazém aberto naquele horário. Curioso era que eu sempre sonhara entrar naquele estabelecimento, pois, as guloseimas ficavam expostas numa espécie de vitrine. Lembro que fiquei em dúvida na hora de fazer o pedido, se sim ou se não. A tentação existia e resistia em nossos corações. Tarde demais! Solícito, o dono do pequeno armazém nos informou os preços das mercadorias expondo-as a nossa frente. Pouco ou quase nada entendíamos de preços, mas, havia ali uma imensa quantidade de doces. No entanto, a evidência ficava nos chicletes de bola, coisa que ainda era novidade naquele tempo. Ao menos para mim e o mano, era. A resistência acabou e fui logo tomada de novo ânimo para fazer o pedido. Sem saber exatamente a valia da moeda de que dispúnhamos, pegamos logo uma porção generosa dos chicletes que ali se mostravam a nossa frente. Rendeu um maço grande, que dividimos enquanto íamos distribuindo-os nos bolsos do avental, nas bolsas a tiracolo e onde mais coubessem. Já na rua, matei a minha ansiedade e coloquei dois de uma só vez na boca. Hum! Que maravilha aquilo tudo. Um sabor jamais experimentado em nossas pequenas vidas. Curiosidade saciada, de volta ao destino: a casa de nossos pais.

Longe do meio dia, entramos e fomos para a mesa almoçar. Vovó, generosa e sorridente colocava o almoço: “Lavaram as mãos, para comer?” Perguntou. Mas, cadê a fome. A desculpa, nem lembro. Passou batida. Ao menos por enquanto as coisas estavam bem.

A mãe, sempre ocupada com o bebê, naquele momento nem reparou no ocorrido devido as tarefas.

Passado alguns dias, vovó Ingracia, como sempre atenta e nos observando, fez a pergunta capital: “O que foi que vocês dois aprontaram? Debaixo de suas camas encontrei certa quantidade de papéis, que pareciam ser doces recentemente abertos, podem me explicar?” Me fiz de desentendida: “Como assim, minha avó? Não temos doce algum”, disse. “Claro que sim”, retrucou ela. “O Pitoco brincava com algo hoje pela manhã. Fui examinar e vi o que era: são uns papéizinhos coloridos, todos melecados. E tem cheiro de frutas. O cão deve tê-los aberto e deixou alguns espalhados pela casa. A mãe de vocês também percebeu isso. Agora, que explicação daremos para ela?”

Meu irmão, Airton, entrou na sala naquele exato momento e ficou ciente do que se passava. Percebi que ele ficara todo vermelho e sem jeito, assim como eu também ficara: uma espécie de vergonha e arrependimento “Conta a verdade, mana.” Não relutei muito e fui logo entregando o jogo - qual a outra saída? Eu que assumisse e ponto final! Respondi: “Nós encontramos a moeda, vovó, foi no outro dia, no armário da cozinha... Não sabia que ela era assim de alto valor. Então, pegamos o dinheiro e entramos no armazém do Seu Antônio, lá na avenida principal, depois da saída das aulas, sabe? Pegamos uns doces, esses, que o Pitoco espalhou pela casa.”

Ela, muito séria, franziu o cenho como que tentando encontrar uma saída justa e, procurando tornar a situação o mais maleável possível, falou: “Pois bem, o dinheiro era meu. Deixei lá para que sua mãe, no domingo, os levasse ao parque, andar na roda gigante conforme o prometido. Vou tentar convencê-la de que não os castigue por isso. Talvez me ouça e não os repreenda de forma acintosa.” Neste momento, o mano começa a se contorcer e massagear a região do abdômen, numa mostra de que não estava passando bem. Percebi que não era fingimento: ele estava pálido e com os olhos fundos. A mãe, que chegava naquele instante nos questionou: “O que houve?” Porém, o estado de saúde do mano deixou-a bastante preocupada, uma vez que ele, frágil, sempre meio adoentado, requeria cuidados

especiais, passando a ser o centro das atenções dentro da casa. Mas ali, presente, havia uma figura muito querida e ela não nos deixaria mal, certamente: vovó se pôs de lado e cochichou alguma coisa inaudível no ouvido dela. Certamente, ao saber do ocorrido, mamãe repensou e aliviou a situação dando sinais de que esqueceria - ao menos por enquanto - a bronca merecida. De imediato, dirigiu-se à cozinha para preparar um chazinho de camomila e outro de marcela: “Aquece mais água, Maria Anita, depois a gente conversa.”

Diante dos fatos, o mano que sempre fora um menino franzino e quase nunca levava bronca, salvou a bandalheira toda. Ainda assim levamos um pequeno castigo: não iríamos ao parque coisíssima nenhuma. E os dias seguiram na mais perfeita harmonia!

O amor é lindo!

por Miguel Augusto Guggiana

O amor é lindo! Há controvérsia. Gente mais letrada, como o Luis[1], diz em frases rebuscadas: “amor é fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente/ é um contentamento descontente/ é dor que desatina sem doer”. E ainda insiste: “Ah! O amor que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei por que”. Na mesma mão, sou daqueles que abraçam a tese de Bar que anuncia: “é bom, mas é ruim, ou vice-versa”. Se for ver bem, diga quem diga, de qualquer jeito, tudo desemboca em dor. Lindo, pois é! Mas a coisa não é bem assim.

Todos sabemos! Todos - e quem não a teve que atire a primeira pedra -, que a dor de amor dói aqui, dói ali, na alma, no coração e, pasmem, no cotovelo, a mais dolorida, por andar abraçada, digo de fonte segura, com o ciúme. Essa dor desgraçada foi descrita pelo Caetano[2] de forma bem conclusiva e prova a minha assertiva: “O ciúme dói no cotovelo, na raiz dos cabelos, gela a sola dos pés”. É isso mesmo e mais um pouco. Esse mais um pouco foi identificado de maneira contundente, porém entendível pela grande massa, por um habitante aqui do Bar, como sendo “pior que talho na bunda, dói, dói e não sara nunca”.

De tão conhecida, essa patologia, até foi cantada por Francisco Alves, Maysa, Ângela Maria, Nora Nei, dois mais antigos à turma mais nova: Wando, Aguinaldo Timóteo, Roberto Carlos e mais um punhado de gente... As chamadas “músicas dor de cotovelo”.

Volto a perguntar: quem não a teve? Isso é coisa velha. Até Freud e Jung sofreram do mal, não tenho dúvida. Lá pelos anos de milnovecentosealgumacoisa, andaram ganhando uns pilas fazendo os coitados cochilarem num catre e contarem seus dilemas mais pro-

fundos. Estudaram o assunto sob outra perspectiva e, tenho certeza, que se parceiros fossem dos cantantes citados, aproveitariam a poesia criada em cima dessa temática para qualificar suas pesquisas e arrancar todos, todos, até aqueles segredos mais contundentes, facilitando a cura. Fantasiando um pouco, se contemporâneos fossem, imaginem o sucesso do Reginaldo Rossi e Freud juntos, assinando trabalhos científicos; Jung com Milionário e José Rico debatendo nas universidades sobre o tema! Trocando figurinhas! Seria o ápice!

Mas, retomando a real, com os pés no chão, pergunto: tem vacina contra? Tem cura de fato? Acho mais ou menos que não. Nem mesmo os planos de saúde reconhecem o sintoma por ser de difícil tratamento, a ponto de concluírem, de forma prosaica, que dor de amor não tem explicação.

Conheci um amigo que, supostamente curado, resolveu enticar com a mulher que causou sua dor de cotovelo, fazendo uma serenata de desagravo bem debaixo da sua janela, com violão e até banquinho para apoiar o pé. Escolheu o samba do Barbosa[3], para se fazer ouvir: “mulher, patrão e cachaça, em qualquer canto se acha”. Imaginem só o que aconteceu. A tresloucada, indignada e certamente assistida pela jararaca da sua mãe, atirou um radinho Philips, preciosidade de 1958, no Olivério. Uma radiada na cabeça!

Quem conhece a Isaurinha sabe de quem se trata: desmilinguida, louca de atar, daquelas que estão sempre com a razão, baixinha - essas são as mais metidas. Tava pensando o quê? Que era a Kim Novak? Eva Perón? Ava Gardner? Cleópatra? Mulher Melancia?

Levei o amigo de kombi para o postinho de saúde. No caminho, fulo da vida, indignado com a agressão despropositada, até sugeri à vítima a possibilidade de processar a Isaurinha pela intenção visível de quebrá-lo ao meio e, ainda, com o radinho da coleção do agredido. Agressão física e ao patrimônio histórico. Uma boa advogada a colocaria na cadeia, por uns vinte anos, no mínimo. A suposta ofensa dele foi musical. Ela podia ter retribuído atirando um travesseiro, almofada, livro, jornal velho. Vai... Mas, não! Tinha que ser um rádio das antigas, e de relação íntima com o próprio. Pura maldade! Estamos muito vulneráveis nisso. Nem Maria da Penha para os homens, nem delegacia especializada a nosso favor.

Então, voltando à pauta, o desgranido do Olivério respondeu à minha sugestão, sabem como? Agarrando o cotovelo - a cabeça é que fora machucada, estava que nem um porongo: “ainda dói, ainda dói”, dizia, choramingando que nem uma mulherzinha. Lágrimas profusas e salgadas corriam - acreditem! - do cotovelo! Pode? Que doença braba! Aquele mimimi todo foi de arrancar o sabiá do toco. Atirei o traste na sarjeta e me larguei de lá. Me caiu os butiá do bolso.

[1] Luis de Camões.

[2] Caetano Veloso.

[3] Adoniran Barbosa.

La Bella Polenta

por Miguel Augusto Guggiana

A polenta é sempre lembrada, na trajetória histórica dos italianos natos e descendentes, como o prato símbolo, presente diariamente à mesa. Causas prováveis: talvez pela falta de opções à época, pela facilidade de obtenção de sua matéria-prima, por ser hábito alimentar original, pela capacidade de fornecer a energia necessária para o enfrentamento da dura jornada de trabalho ou, mesmo, por todos esses motivos entrelaçados.

Sejam quais forem as razões, a verdade é que é impossível dissociá-la desses imigrantes, laços que ainda são fortalecidos quando buscamos a letra e a melodia da canção popular *La Bella Polenta* que, através da música, cristaliza essa relação.

É tão forte essa proximidade polenta x oriundi que, muito frequentemente, dizemos, ou escutamos, às vezes de forma carinhosa, outras nem tanto, a expressão “gringo polenteirooo”.

Como fazer? Diz-se que, para ser autêntica, deve ser feita em fogão à lenha, na polenteira, termo “abrasileirado” para se referir a “parol” ou “caieira”, panela de ferro redonda. A preparação, em sua receita clássica, pelos motivos citados, toma dimensão litúrgica - vai entender! -, embora, simplesmente, consista na adição de farinha de milho e sal à água quente, mistura que deve ser mexida, com colher de pau, com esforço moderado e paciência no início do cozimento para que mantenha consistência uniforme.

Após, de acordo com a sensibilidade culinária do cozinheiro, é necessário repetir, repetir e repetir a operação por não sei quantas vezes, a fim de evitar que queime. Decorrido determinado tempo, um pouco mais ou um pouco menos, dependendo da intensidade do fogo, e alguns segredinhos de cada um, considera-se “piatopieno”.

Coloca-se na mesa e “buonappetito”. “Facile”? “Si, cosi. Come dice la nonna”.

Para qualificar nosso arrazoado, socorremo-nos de alguns versos, que pesquei soltos por aí, de autoria de Rosana Nóbrega [1] que, certamente com conhecimento de causa e talento, sintetizou de forma saborosa e definitiva a representatividade de uma “bela” polenta:

“Massa quente, mole, amarela / Ferve lentamente, borbulha na panela / Para quem quer comer, haja paciência / Porém degustar a polenta, que experiência! / O calor naquela panela é infernal / Borbulha, borbulha, num ferver sem fim / Gruda e cria uma casca no final / Que tem até disputa, deixa isto para mim”.

A noite passada eu sonhei

por Moacir Luís Araldi

Nos dias em que a chuva umedece a rua e o céu escurece, observo a vida na minha cidade. As luzes até acendem, brincando de anoitecer. Com a chuva intensa, sinto medo de temporais, enchentes e tragédias naturais...

Na juventude, em dias de chuva, a gente se divertia pisando descalços nos atoladores das ruas. Era lindo acompanhar a emoção das crianças pisando no barro pela primeira vez.

Anoitece.

Agora, há o espetáculo das luzes dos veículos refletidas nos pingos d'água. É agradável adormecer ouvindo o ruído das goteiras ou acalentando algum sonho no conforto da cama. Gostosa a sensação de acordar durante a madrugada com frio e reforçar as cobertas.

Na noite passada, sonhei. No sonho todos compreendiam que os homens sobrevivem a tudo, exceto à solidão nas noites chuvosas. A humanidade se abraçava em gesto de ternura jamais visto. A felicidade invadia cada coração e todos riam alegremente.

Ao amanhecer a realidade era outra, mas, o sonhar ainda que utópico é exercício que acalma a alma das suas angústias.

Ano novo

por Moacir Luís Araldi

Acaba ano, inicia ano e continuamos nos guiando pelos resultados das escolhas que fazemos. Acertos e erros, separadamente, não servem para nada. Vale o conjunto, vale o todo.

Quando jovem cremos que a velhice não chegará: tenho uma surpresa para você! Você envelhecerá!

Quando rebeldes cremos que o mundo está errado, virado, ultrapassado. Outra surpresa! Você só mudará a si próprio. Lamento dizer, mas, o mundo não vai lhe dar muita atenção.

Quando maduros sonhamos em desfrutar o melhor da vida. Poucos conseguem.

Por fim, quando saudáveis, cremos que nunca adoeceremos. Cuide-se, pois, nem sempre isso se confirma e, quando enfermo, a gente só deseja poder viver o próximo ano.

Aliás, talvez esse deveria ser o objetivo de todos: viver plenamente o próximo ano.

Feliz e pleno ano novo.

O Envelhecer de Nossos Pais

por Piti Ochoa Ughini

A sala estava inundada pelo sol que entrava pelas janelas de uma tarde quente no litoral. Foi quando olhei para a minha mãe, que caminhava curvada com passos lentos em minha direção. Confesso nunca haver reparado que o tempo havia passado para ela, pois, ainda a via como uma fortaleza.

Percebi o envelhecer de minha mãe e entristeci, vi sua fragilidade e fiquei pensando nos velhos tempos, quando a via com força vital que lhe era peculiar. Naquela hora, naquele lugar, desabei numa poltrona e fiquei a observá-la. Percebi, somente naquele instante de lucidez extrema, que minha mãe havia envelhecido. Com seus oitenta e nove anos, não era mais aquela mulher que, aos trinta anos, sob o meu olhar atento de criança, vestia cuidadosamente a meia, calçava seus sapatos e bolsa, que combinavam. Também não era mais aquela mulher que, a cada nascimento de novo neto, acompanhava as filhas nos primeiros cuidados com o bebê.

Hoje, essa mulher é carente de cuidados e afetos. Os que antes ela distribuía, a seu modo, muito bem. Sinto que a idade pesa para ela. Não há mais tanta força física, mas, há ainda o escutar atento numa boa conversa, com novos e velhos conselhos.

Minha mãe continua conosco, o que é muito bom; agora, mais amada, respeitada e cuidada.

Assim, veio outra manhã, e outra noite. Assim vieram outros dias mais aconchegantes no amor de uma filha para com a sua mãe. Com amor, num relato de vida para minha mãe.

Catuaba turbinada

por Roque Gilberto Annes Tomasini

Algumas pessoas passam pela vida, passam, passam, morrem e na semana seguinte estão esquecidas. Outras têm um dom próprio, também vão embora, mas continuam vivas na memória dos que com elas conviveram. O que menos importa é sua condição financeira. O que importa é a personalidade, honestidade, companheirismo.

Tive a honra de conviver com uma pessoa com estas características. O Moacir.

Sempre correndo atrás da sobrevivência no dia a dia. Muitas vezes ganhando de manhã para chegar à noite de bolso vazio.

Além das despesas familiares, havia outras. Um joguinho de carta, um copinho de cachaça na mesa de jogo, às vezes, uma cerveja e duas carteiras de cigarro por dia.

Mas, sempre tem um “mas”. Além do cigarro, do sagrado chimarrão, havia a companheira inseparável: a malvada da Catuaba.

Bebida adocicada, baixo teor alcoólico, fácil de “descer”. Companheira nas horas de solidão e do fim do expediente nas obras longe da cidade.

Numa ocasião, Moacir, meu irmão e o Pedrinho, outro grande amigo e figura impar, estavam trabalhando numa obra, dentro de um reflorestamento. Como era perto da cidade, todos os dias meu irmão os levava com sua Kombi.

Acontece que havia mais um companheiro de trabalho, que morava perto e ia à pé para o serviço. Antes de voltar à Passo Fundo o Moacir deixava escondida a garrafa com o que havia sobrado da catuaba. Até que um dia, após o almoço, foi tomar uns goles da bebida e, milagre, estava vazia. Alguém, e só havia um suspeito, havia liquidado com a preciosa catuaba.

Os três, Moacir, meu irmão e o Pedrinho, combinaram que no outro dia trariam outra garrafa e deixariam escondida no mesmo lugar, com um pouco da bebida. De novo, garrafa vazia.

Por vários dias fizeram a mesma coisa, para que o ladrão de catuaba se acostumassem. Combinaram que, num sábado, deixariam meia garrafa, mas com um ingrediente adicional, secreto. Já haviam comprado quatro envelopes de laxante. Colocaram na garrafa, misturaram bem, deixaram no lugar de costume e foram para Passo Fundo.

Segunda-feira, todos prontos para o trabalho e nada do funcionário local. A garrafa estava bem vazia. Terça-feira, nada do homem. Quarta-feira, nada do homem. Na quinta-feira, aparece o ladrão de catuaba, branco, mais magro e fraco. Nem olhava para os colegas de trabalho. Bom dia andava desaparecido? Firme para o trabalho?

Descobriram que o vivente, depois de tomar toda a catuaba “turbinada”, não parava mais de ir ao banheiro. Ficou fraco e teve que ir à emergência do Hospital São Vicente para poder recompor o intestino e parar com a diarreia.

Ninguém falou nada para ninguém. Só que na volta para Passo Fundo era só risada dentro da Kombi.

Já na sexta-feira, voltaram a deixar a garrafa de catuaba escondida e nunca mais foi roubada.

O banco na colônia

por Roque Gilberto Annes Tomasini

A história mostra que sempre existiram grupos que dispunham de mais recursos do que outros. Resumindo, sempre existiram ricos e pobres em relação a bens materiais.

Na área de colonização italiana, passada a fase inicial da colonização, em que sobreviver já era uma vitória, o progresso possibilitou o desenvolvimento de pequenas comunidades, com indústrias da época e comércio.

Produção que gera vendas, que gera comércio, que gera dinheiro. Dinheiro na comunidade, no povoado e no bolso dos pequenos agricultores que moram no interior. O que fazer com o “excedente monetário”, com o “soldi”?

Deixar embaixo do colchão? Dentro de uma lata? Como guardar este dinheiro com segurança? Viajar quilômetros e quilômetros até uma cidade que tivesse um banco comercial? Boa saída, mas que exigia tempo de viagem e implicava no risco de assaltos.

Acontece que um comerciante forte havia comprado um cofre de ferro reforçado, muito pesado e difícil de roubar. A notícia logo se espalhou e as pessoas, inclusive pequenos colonos, iam até o dono do cofre e perguntavam: quanto teria que pagar para deixar seu dinheiro depositado no cofre? Combinado o preço, iam para casa dormir tranquilos, seguros que o dinheiro duramente conquistado estava bem guardado.

Senador o microfone é seu

por Roque Gilberto Annes Tomasini

Esta me contou um cidadão catarinense.

A política sempre, principalmente nas pequenas cidades, proporcionou histórias que marcaram a presença de políticos influentes e poderosos.

Depois de algum porte da cidade e de alguma economia forte como base, na grande maioria da agricultura e da agroindústria, é normal aparecer uma rádio ligada a alguma liderança política local ou regional.

A rádio, mesmo no passado sempre foi mais fácil de implantar do que um jornal, pelo menor investimento material e em pessoas.

Numa certa data especial, um senador foi convidado para, como parte dos eventos do município, sua base eleitoral, fazer uso da palavra para saudar os habitantes da região.

Iniciados os trabalhos, o locutor, bom de papo e para agradar ao senador, seu chefe, colocou o microfone na mão da autoridade e disse: senador, o microfone é seu.

O senador, com toda a calma do mundo, disse: não só o microfone, como a rádio, o edifício da rádio, os terrenos aqui em volta, o frigorífico, a empresa de aviação, tudo é meu....

E era mesmo.

Tarzan e a expressão amigo

por Roque Gilberto Annes Tomasini

Os homens das cavernas viviam juntos por questão de sobrevivência. Alguns podem dizer que era porque faltava caverna para todos; outros, porque juntos poderiam caçar com mais facilidade, ou que viver junto era fundamental para enfrentar os fantasmas da noite e talvez para compartilhar as fêmeas.

Diferentes agrupamentos unidos pelo instinto de sobrevivência, poderiam enfrenta grupos rivais.

O que é certo é que não viviam juntos por uma questão de amizade e de amor ao próximo.

Séculos passaram e o ser humano perdeu a necessidade de viver em agrupamentos em que a união desses seres pré-históricos servia basicamente para a sobrevivência.

As pessoas alcançaram grau de desenvolvimento em que a sobrevivência não dependia de viverem em grupos fechados. A individualidade passou a ser predominante no dia a dia do homem.

A comunicação, primeiro através de estradas e atualmente via mensagens eletrônicas instantâneas, trouxe dois efeitos: um, de aproximar as pessoas; outro, que está em andamento, de via aproximação instantânea distanciar as pessoas do contato físico.

Num livro de ficção científica, em outro planeta, as pessoas não se “viam” pessoalmente, nem viam as imagens verdadeiras. Ninguém sabia onde as pessoas andavam ou moravam. Tudo era feito via comunicação holográfica. Você podia ligar para uma pessoa e “vê-la” como estivesse naquele momento. Podia ser uma pessoa tomando banho, totalmente nua, e falar com ela com a maior naturalidade. Você não a estaria “vendo” de fato, estaria simplesmente

se “comunicando” com uma imagem. Som e imagem juntos, sem restrições. A pessoa podia estar em qualquer lugar daquele planeta.

O que temos hoje? Vários meios de comunicações eletrônicas, como o “whatssupp” em que a mensagem é instantânea e a imagem é invasiva. No Facebook, alguns orgulhosamente dizem ter 1.000 “amigos” ou seguidores, espalhados pelo mundo.

Mas, o que é um amigo e qual o significado desta palavra?

Relacionamento com o significado de amizade e companheirismo? Como admitir que 1.000 “amigos”, nos sites eletrônicos de relacionamento, sejam companheiros ou amizades, se sequer os conheço?

O termo “amigo” foi banalizado, vulgarizado. Perdeu o significado original, passando a ser mera expressão sem ou com pouquíssimo valor sentimental.

Talvez, em alguma livraria que tenha antigos rótulos, possa ser encontrado algum dos 24 livros de Edgar Rice Burroughs, com histórias de um dos heróis da época, Tarzan. Li vários desses na minha infância e me recordo de uma pessoa haver sido chamada de amigo, por Tarzan, e não ter dado muita importância. Outra pessoa, conhecedora dos hábitos de Tarzan, disse-lhe que ele havia recebido uma grande homenagem. Para Tarzan, habituado aos costumes da selva e ao isolamento da civilização, chamar alguém de amigo significava a maior das homenagens.

O primeiro livro foi escrito em 1912 e o último, em 1965. No mundo de 2018, poucas, muito poucas pessoas seriam enquadradas na expressão de “amigo”, com o sentido das histórias da época do Tarzan. Amigo era para todo o sempre,

Foi-se a sinceridade e chegou a era do consumismo, mesmo na área das relações humanas. Tarzan, repouse em paz no seu mundo do século passado.

O alienígena que deu fama mundial a Passo Fundo

por Samuel Schneider

Passo Fundo, 2002, cinema do Bella Città Shopping Center. O mesmo deve ter acontecido no outro cinema da cidade, localizado no Bourbon Hipermercado.

Era uma quarta-feira, dia de promoção: os cinemas cobravam metade do preço, talvez 3 reais, para centenas de jovens que lotavam sessões à tarde. Eu estava com meus amigos da Escola Menino Jesus.

O filme era “Sinais”, mistura de suspense com terror estrelado por Mel Gibson, que narra uma invasão alienígena à Terra. Aos 46 minutos, começou a tão esperada cena sobre a qual todos gaúchos tinham ouvido falar, mas que ainda não haviam visualizado pela falta de internet. Um noticiário fictício relata:

“As imagens impressionantes que vamos mostrar foram feitas por um homem de 42 anos, Romero Valadares. Esse vídeo foi feito na tarde de ontem no aniversário de 7 anos de seu filho, na cidade de Passo Fundo no Brasil. O que vocês vão ver agora pode perturbá-los”.

Nesse vídeo, crianças numa festa apontam, eufóricas e assustadas, para algo estranho na garagem da casa passo-fundense, até que – bum! – aparece caminhando o alienígena, verde, pavoroso, membro da raça extraterrestre que ameaça a Terra!

Gritos tomaram conta do cinema. Não os gritos de medo comuns nesses filmes, mas gritos de alegria e entusiasmo, juvenilmemente eufóricos, premeditados, só gritados num município do universo. “Viva Passo Fundo, viva Passo Fundo...”. Afinal, a capital do Planalto Médio ganhava fama mundial devido à essa aparição – mesmo

que fictícia – de um alien. Não lembro bem, mas é certo que alguns berraram zombarias como “Deve ser teu pai, Jenifer” ou “Esse monstrinho vem do bairro Vera Cruz” ou “Lá no Parque da Gare vão fumar esse verdinho”.

Depois da sessão, eu e meus amigos infelizmente não tiramos uma foto para recordação, pois os celulares Nokia da época não tinham câmeras.

Adolescentes de 14 anos, passeávamos por nossa cidade com a mesma curiosidade de alienígenas visitando a Terra pela primeira vez.

Pequenezas!

por Sueli Gehlen Frosi

Cortaram uma pequena árvore na área comum do prédio onde moramos. O coto da arvorezinha ficou ali, inerte, por algum tempo. Quando de uma visita do meu neto Théo, perambulamos pelo pátio procurando pequenezas, louco que ele é por pedrinhas e coisas brilhantes que habitam o chão. Até que ele viu o Puti, Nome que deu à árvore morta. Tornamo-nos amigos, os três!

Nossas histórias, nossos diálogos giraram por alguns dias em torno da morte da planta, coisa que Théo constatou vendo a degradação na ponta do corte, que foi se modificando de lisa, para algo meio descabelado. Ao perceber que a conversa sempre girava em torno de morte, percebi que o quesito finitude habitava a cabecinha do menino que, de árvores, começou a se referir à velhice dos avós e a possibilidade de perdê-los.

Com o tempo, após conversas com os pais e a intervenção de pessoas que têm contato cotidiano com ele, o menino foi elaborando seus receios, o que propiciou imenso aprendizado aos adultos sempre cheios de certezas, mas que, frente à nova criança, tão precoce e cheia de informações, começam a duvidar de suas verdades e da capacidade de satisfazer curiosidades infantis. Nada está sendo fácil de explicar! Nunca estivemos em saias-justas, como hoje!

Nas Feiras de Livros, percorremos estandes com as crianças e aprendemos com elas. Elas ouvem as histórias, metabolizam seus conteúdos, ponderam, perguntam, olham as ilustrações e manifestam seus desejos de tê-los. E, esses livros, após análise, são lidos várias vezes, são manuseados, ficam ali por dias. Conheci crianças que decoraram os conteúdos, mesmo sem saberem ler, de tanto que pediram para que os lessem. Imagino o aprendizado que um livro

provoca nas cabecinhas infantis. E o quanto de responsabilidade o escritor tem com o que ele coloca à disposição da criançada.

Creio que, por conta do momento em que vivemos, quando crianças têm contato com relatos de mortes por balas perdidas, assaltos, doenças exaustivamente relatadas perto delas, o medo do que é real as assalte. Na medida do possível, penso que devemos preservar a inocência, a confiança no mundo e ajudar a elaborar medos e emoções que as crianças têm cada vez mais precocemente. E isso a literatura traz, não lhes parece?

Portanto, aproveitemos para “viajar” para dentro dos livros com nossos pimpolhos. Deixemos que eles nos carreguem para o mundo da imaginação e da magia. Se o fizermos, nós os sabichões adultos, voltaremos à nossa própria infância, o que permitirá um encontro honesto com a infância que temos obrigação de cuidar e de preservar.

Que a Literatura cumpra o seu papel, que é o de construir subjetividades criativas e esperançosas. Que o livro tenha vida longa, por ajudar a elaborar o que Luciana Lhullier preconiza ser a necessidade de construirmos a nossa “Casa de Dentro”. Viva o Livro! Viva o peso de carregar sacolas com livros a mancheias! Vivam os avós, para que cumpram a tarefa de conversar e acolher os meninos e meninas que, como o Théo, vivem com intensidade suas enormes pequenezas!

Insatisfação

por Tania Du Bois

A insatisfação chega mostrando sua cara feia e nos fazendo de bonecos, porque torcemos a cara em cada mudança do vento. Aqui, cito Henfil que fazia denúncias através de seu trabalho, geradas pela insatisfação. “Ele por uma boa ideia arriscava a perder os amigos”.

Entendo que nem tudo pode ser satisfatório no nosso tempo, que é tempo de excessos, inverdades, falcatuas e consumismo extremo. Como diziam os antigos, quanto mais temos, mais queremos ter; quanto mais sabemos, mais nos decepcionamos com o poder. É a pressão em que convivemos; vivemos em exposição de sentimentos, como se estivéssemos perpetuamente numa vitrina no centro da cidade.

Fico atenta a tal comportamento, que gera insatisfação diária e se espalha por tudo, mesmo em situações que possam ter significados efetivos. Como na charge de Henfil, em que “um menino atende a porta e, diante de um esfomeado, grita para dentro de casa: Mãe, tão pedindo sobra de esperança...”.

Sinto que nossos movimentos são limitados e censurados, fazendo-nos sentir pressionados com cargas extras de sobrevivência.

Se não temos o sonho maior do que os nossos passos e se estamos prontos para batalhar por ele, então, conseguimos espantar a insatisfação e ter muito para recolher com nossos esforços; como Henfil, que andava na contramão do sistema vigente; cartunista com voz forte entre os que gritavam pela anistia “ampla, geral e irrestrita”.

Sempre imaginei que encontraria alguém insatisfeito na vida, quando a sua saúde estivesse ruim. Engano! Vejo insatisfação em nossos dias por alguém não ter o objeto desejado. Onde fica o ser? A

compreensão exige convivência, respeito ordenado pelas leis e amor ao próximo. Nossa carência vivencial é grande, então, é importante a comunicação para intervir sobre a insatisfação, para não perdermos o sentido da realidade. Henfil dizia, “fica mudando porque não tem nenhuma raiz”.

A construção da vida está em nossas raízes, espalhadas para percebermos no mundo o dia ensolarado, o horizonte e o poema. Há satisfação maior? Querer algo sério não significa que não nos divertimos. Os desafios diários nos ensinam a ser flexíveis nas transformações sociais pela dinâmica do viver; é palco de muitas possibilidades. No livro de Henfil, *A Volta da Graúna*, ele demonstra a vontade de transformar o mundo para sair da insatisfação; defende com unhas e dentes suas verdades, expressando em desenhos os controvertidos sentimentos humanos.

Precisamos estar prontos para vivenciar o melhor, para perseguir as escolhas com nosso estilo e tom e afugentar a insatisfação.

Saudades III

por Tania Du Bois

“Só se transforma em saudades a perda de quem se amou”

Helena Rotta Camargo

Sinto saudade das palavras de Nilton Maciel, das brincadeiras do Hamilton Dipp, dos encontros com Gilberto Oliveira Borges, o Gigi, e da poesia de Carmen Presotto. Pessoas que faziam significar as palavras: amizade, competência, ironia, sinceridade, companheirismo e sentimento. Faziam do desejo, ação. Cruzavam as expressões com suas marcas pessoais, dando ritmo ao cotidiano. Conquistaram a minha atenção ao apresentar, no jogo da vida, novos caminhos para a prevenção do inesperado.

O inesperado aconteceu e ainda sofro com suas ausências. Não sei driblar a saudade que dói e me fragiliza a ponto de me fazer buscar melhores argumentos, para posicionar a continuidade do meu viver.

Procuro limitar as saudades e a ansiedade através das lembranças e fantasias, sobre a vida de cada um. Infelizmente, preciso manter os pés no chão; sinto o peso do mundo em meus ombros, quando “converso com eles e não obtenho respostas”.

Não mais momentos juntos. Silêncio. Só posso relembrar as histórias que passamos. Acredito no consolo, nostalgia e conexão presentes nos sentimentos, para tornar a vida menos sofrida com suas ausências. Mesmo assim, sinto suas faltas nas conversas e na amizade, sempre presentes na compreensão de todos.

Então, coloco-os em perspectiva para acalmar o meu coração: exploro a poética da Carmen, leio a prosa do Nilton, lembro os va-

lores éticos e morais do Gigi e as histórias do Hamilton. Para Helena Rotta de Camargo, “Guardar lembranças é uma forma de reter o passado e fazer com ele um pacto de renovação. Elas, por sua vez, se apegam a nós, fortalecendo os vínculos e maturando os sentimentos”.

Poder do Desejo

por Tania Du Bois

Não acredito ser apenas um corpo; sou muito mais do que o poder do desejo, por isso entendo certos comportamentos, como, por exemplo, a atenção e o carinho para com o outro, que garantem a construção do vínculo. José Enrique Barreiro diz que, “... sentido e afeto que espero - / a vida humana vista como seta / em direção à luz que tanto quero”.

No entanto, em certos momentos, como diferenciar o carinho do assédio sexual, a atenção do professor para com o aluno, o abraço amigo, o cuidado com as crianças e a conquista do homem apaixonado? Por melhor que sejam as intenções, não há garantia de que esses gestos possam ser medidos, tipificados, descritos e anunciados como assédio. Em Paulo Leminski, “o barro / toma forma que você quiser // você nem sabe / estar fazendo apenas o que o barro quer”.

Peço permissão para defender os atos de amizade e cumplicidade, entre as pessoas, já que estou pressionada para pensar diferente, impedindo-me de receber e retribuir atenções e atitudes merecidas. É meu direito expressar os sentimentos, mesmo passíveis de danos, se os utilizo alimentados pela alma e a bondade.

Para julgar o assédio é necessário avaliar a atitude e o tom da conversa, depois, repensar a convivência entre os envolvidos, o que exige dedicação, que todos merecem atenção e afeto. É essencial a aproximação com os amigos para sentir o impacto que a vida oferece, fazendo com que se busquem fontes que tragam boas sensações no viver. Mas, se considerarmos todos os atos e gestos como assédio, como viver longe de todos? A solidão é péssima companheira. Nas palavras de Juan Gelman, “... somos os que acendem o amor para que dure, / para que sobreviva a toda solidão...”.

Volto ao passado, quando o garoto conquistava a sua “futura” namorada, mesmo que parecesse utopia. Todos ganham ao resgatar o ritmo de amar e ser amado, da amizade verdadeira e do conviver de forma saudável. Como diz o poeta, “Em vez de reclamação, ação e movimento, aqui bate um coração que se espalha pelo mundo”.

É a velha história em que me sensibilizo com o que vivencio; quando me perguntam como foi o meu dia, preocupam-se com a minha alegria e não se furtam ao abraço.

O que me faz feliz é a possibilidade da convivência associada aos contatos, cumprimentos amáveis e a confiança mútua, que permite me apropriar dos conceitos positivos, para oferecer saltos de liberdade sem o risco da maldade. José E. Barreiro reflete, “... A lógica do amor agora é conhecida; / podemos ler o claro texto da escritura, / riscar ou acender a chama da procura / o sentido da vida.”; e mais, “... Interessa-me a verdade, / o sentido íntimo do absurdo, /a fonte luminosa / da verdade”.

Permeabilidade

por Tiago Ribas

Os diferentes povos de diferentes culturas imaginam ou imaginavam o inferno cada qual a sua maneira. Para alguns, o inferno seria um lugar eternamente e infinitamente escaldante. Para outros, seria um deserto infinito de gelo, um frio eterno e insuportável. Para mim, o inferno seria um mundo completamente pavimentado, perfeitamente impermeabilizado, onde nem um metro quadrado de terra pudesse respirar ou absorver a água da chuva - apenas concreto e asfalto por toda parte. Não seriam necessários demônios para nos atormentar, bastaria deixar os condenados ali, existindo sobre esse mundo de pavimento infinito. Claro, haveria chuva e sol, exatamente como Deus manda desde que o mundo é mundo. Mas a água não teria para onde escoar, o calor do sol refletido no asfalto não teria para onde qualquer vento o levar.

Seja fogo, gelo ou asfalto, o que faz do inferno um inferno é a sua imutabilidade, a eternidade de mesma coisa.

Por outro lado, o que faz da nossa terra um paraíso é a mutabilidade de tudo, os ciclos dos dias e noites e das estações, e a troca e permeabilidade entre as coisas. A terra absorve a água da chuva. Se a chuva é persistente, a água escoar e abre sulcos por onde passa e logo temos uma mudança, o chão já não é o mesmo. Alguns veem nisso um inconveniente, no caso das estradas de chão deformadas e esburacadas pela chuva. Mas eu não vejo nisso muito mal, especialmente se isso nos obrigar a andar mais devagar com nossos carros. Certa vez, numa dessas estradas de chão, porém, em bom estado e bem nivelada por máquinas, boa de andar, eu ia de carro em velocidade que, digamos, não condizia com a idílica paisagem rural ao meu redor.

Só me dei conta do quanto eu e meu carro destoávamos da harmonia geral quando quase atropelei um pássaro em pleno voo.

Assim, como os pavimentos de nossas cidades privam a terra de sua permeabilidade, também nós nos tornamos impermeáveis, privados de comunicação com o ambiente que nos cerca, na medida em que nos encapsulamos em nossos automóveis. Quem anda de moto pela estrada sabe bem o que são as diferentes nuances de odores e aromas, que se sente ao longo da estrada - o cheiro da resina dos pinheiros, dos eucaliptos, das flores de acácia na primavera, ou da bosta de cavalo, ao passar perto de alguma fazendinha. Mas, o ciclista, o caminhante ou o colono que anda em sua charrete terá outra variedade de percepções. Terá não apenas os odores, mas os ruídos da terra - o vento nas agulhas dos pinheiros, o farfalhar das folhas, as cigarras de verão, o canto dos passarinhos, o resfolegar dos cavalos ou, mesmo o som dos seus passos ou das rodas da carroça. Uma tarde, quando saí para fazer uma caminhada, com meu cão, descuidei do horário e a noite caiu. Na volta, já noite escura, numa curva do caminho, fui surpreendido pelo o ruído bem próximo de capim sendo arrancado pelos dentes de um cavalo que ficara fazendo serão. De longe, uma saracura mandou seu grito.

Tudo isso acontece o tempo todo, nós é que não sabemos, pois nos tornamos impermeáveis. Além disso, também ao olhar é permitido ao caminhante ou ao rústico que anda em sua carroça uma infinidade de coisas que a velocidade de um carro a cem quilômetros por hora não permitiria jamais. Isso sem falar do toque de uma brisa, do sol ou da mera sensação de mudança de temperatura. Mas nós, nos automóveis, ouvimos apenas o ruído do motor, por mais silencioso que seja ou a música dos nossos aparelhos de som. Nunca estivemos tão descompassados e apartados do mundo que nos cerca.

Alguém disse, uma vez, que nunca sentiu tanta solidão como quando dentro de um automóvel. Isso quando o automóvel era uma novidade. Eu lembro que senti tal solidão na primeira vez em que andei de carro sozinho. Uma sensação desconcertante e esquisita de estar sozinho dentro de uma cabine em movimento, cuja direção

era de minha responsabilidade. Depois, nos acostumamos com isso (acostumamo-nos com tudo).

“A terra respira”, diz um verso da magnífica “Canção da Terra” (Das lied von der Erde), de Mahler - minha peça favorita do compositor, que escuto naturalmente encapsulado no meu carro, inconsciente de minha solidão.

Certa vez, conheci um senhor que se orgulhava de ter o pátio de casa todo calçado e pavimentado, gabava-se de ter sido ele mesmo quem fizera a obra. Naturalmente, não havia ali, naquele espaço perfeitamente asseado e esterilizado, com água sanitária, nenhuma árvore ou planta, o que, na visão desse senhor, faria uma enorme sujeira, que ele teria que varrer todas as manhãs. Outra pessoa, que viajava ao meu lado, no ônibus, contava que estava tendo problemas com as árvores na calçada em frente a sua casa. As árvores, dizia ela, além de estarem estragando as calçadas com suas raízes, que teimavam em cometer a imperdoável grosseria de crescer, sujavam a calçada com suas folhas que, apodrecendo, deixavam o chão escorregadio. Claro, as folhas devem apodrecer e ser absorvidas pela terra, para servir de alimento à árvore. Mas, parece, alguém botou uma calçada onde não devia - ou plantou uma árvore no lugar errado. O que fazer? Cortemos a árvore e plantemos outra no lugar - lá ficará enquanto se comportar.

Onde houver natureza, haverá permeabilidade, haverá troca e comunicação, haverá constante mudança. Do mesmo modo, onde houver permeabilidade, haverá espaço para a natureza, inclusive para a natureza humana. Tudo o que quero é ser permeável. Toque-me e irei absorver algo de você. Talvez eu lhe dê algo em troca, talvez me transforme com o seu toque. Talvez você passe a ter algo de mim. Tudo o que quero é ser permeável em um mundo permeável, até o dia em que a terra finalmente me absorva.

Andando a Passo Fundo

por Tiago Ribas

Quem nunca foi embora talvez não saiba o sentimento quase indescritível de se chegar aos quarenta anos e andar de novo pelas ruas da cidade onde nasceu e de onde partiu aos vinte e poucos. Não saberá o sentimento de ver que ainda existem os mesmos lugares, os mesmos estabelecimentos, alguns ainda intactos e com os mesmos usos, alguns com os mesmos nomes e com os mesmos donos ou, talvez, seu filho ou filha atrás do balcão, produzindo, pela semelhança, a ilusão de estar ali o seu pai ou a sua mãe, outra vez, rejuvenescidos, a conduzir o negócio. Outros não mais existem e se transformaram naquilo a que nos referimos, apontando para um prédio de dez andares e dizendo, “ali era”...

Também, existem lugares aqueles que, embora ainda estejam lá, só tiveram a triste sorte de sobreviver a própria história e a dignidade do uso que lhe fazia jus e que, das suas fachadas com letreiros vulgares, nos espiam como um imperador destituído que, obrigado a trabalhar de varredor de ruas na jovem república, nos espiasse por baixo da aba do boné. Assim, por exemplo, o Cine Imperial já não tem nada de imperial, e, depois de ter dado lugar a uma igreja evangélica pentecostal, hoje abriga uma loja de roupas.

No outro lado da praça está o Cine Teatro Pampa, hoje um estacionamento, na frente do qual passo com um aperto no coração. Onde hoje existe um Subway, era parte do seu elegante saguão, no qual havia um singelo laguinho, em que dormiam alguns cascudos e nadavam algumas carpas, entreando as pessoas que esperavam a hora do filme e, dentro do qual, estando eu nos meus cinco ou seis anos, tive a inusitada - e incompreensível - iniciativa de pular, enquanto meus pais aguardavam na fila para comprar balas Chita de hortelã, de modo que pude assistir à estreia do E.T., de cuecas.

Mais adiante, a sorveteria D'Itália hoje é a "Gelateria" D'Itália - coisas desta nossa época gourmetizada. Mas, ainda está lá, tal e qual, e parece que me vejo com meus primos e nossos avós, que lá nos levavam nas tardes de domingo. No outro lado da rua, está o antigo bebedouro, ao lado da escadaria da GARE, onde, na época das carroças, os cavalos bebiam água na fonte que corria. Ao lado do bebedouro, vejo mesinhas de bar e pessoas bebendo torres de chope. Olho o letreiro: "Estação", e penso: perderam uma ótima oportunidade de botar o nome "Choperia Bebedouro".

A "casa do fumo" ainda existe! E ainda é "a casa do fumo". É domingo, e está fechada, mas, por trás do portão de enrolar, sinto o mesmo cheiro ligeiramente podre e adocicado do fumo, misturado ao cheiro de erva, couro e madeira.

Passo na frente ao supermercado - o "Esquilão" - onde o meu maior (ou único?) prazer em ir às compras com meus pais era ganhar, não sem alguma luta, muitas vezes regada à lágrimas, mas da qual eu saía vitorioso, um gibi da Turma da Mônica ou do Pato Donald, que, em casa, me abriam um mundo perfeito no qual eu entrava e não queria mais sair.

Ainda existe também o supermercado Gre-nal, mais modesto e nem tão "super". Duas coisas lembro, de quando, na minha infância, passava em frente ao Gre-nal: uma era o cheiro - inconfundível e que só os mercados pequenos têm - de produtos de limpeza misturado ao das frutas, que bafejava de dentro e, a outra, a figura do "Tio Arlindo", senhor cuja fisionomia e penteado, com os cabelos lambidos para trás, sempre identifiquei com aqueles homens retratados nas propagandas dos anos 50, e que devia ser o dono (senão o gerente) do mercado, e era amigo do meu pai - o que muito me honrava, pois, é uma honra para uma criança de cinco anos que o seu pai tenha como amigo o dono de um supermercado - por menos "super" que o mercado seja. O fato é que, sempre que eu passava ali com o meu pai, acontecia o mesmo ritual, que já conhecia e esperava: o "tio" Arlindo, que estava sempre sentado na entrada, logo que me via, se levantava, fazia um gracejo para mim, apertava a mão do meu pai, e, em seguida, ia para dentro e voltava com um objeto dourado que

eu esperava ansiosamente e agradecia como se deve: um bombom Alpino. Até pouco tempo, ainda via o “tio” Arlindo por ali, na frente do Gre-nal. Nunca deixei de comer um Alpino sem me lembrar dele.

Ao lado do Gre-nal, um pouco mais adiante, a galeria central, quando a atravesso, também ainda tem o mesmo cheiro. A locadora Zilvia ainda está lá, no mesmo lugar, e lembro do cheiro das fitas VHS, quando, logo que chegou a novidade do vídeo cassete, o primeiro filme a que assisti foi “A volta dos mortos vivos”.

Por fim, já quase de volta, passo na frente ao antigo quartel, onde, aos dezoito anos, numa manhã de agosto, com um frio de dois graus negativos, apresentei meu corpo nu à serviço da pátria, e fui dispensado. Alguns passos mais adiante, certamente em alguma daquelas pedras do meio fio, bateu a baliza que derrubei e, por isso, não passei na primeira vez no teste de direção.

Assim vou caminhando e farejando como um cão; cada passo é um passo fundo no coração da terra onde eu aprendi a andar. E meu corpo, como uma agulha, vai alinhavando quarteirões, costurando ruas, esquinas, árvores - conhecidas e desconhecidas - retalhos que constituem exatamente o que sou. Cada coisa que ficou pelo caminho, boa e ruim, as redes do meu coração, embora frouxas e de malhas largas, nada deixa escapar.

Catarina

por Tiago Ribas

Na casa 180, da rua “Pe. Anchieta”, cujo nome, assim abreviado, ainda se pode ler na placa do poste na esquina, hoje enferrujada, fixada há mais de trinta anos, por meu pai, que ele pintou em letras cursivas de chancelaria, pretas num fundo branco e que me lembrava, ao passar, a plaquinha pregada na cruz, escrita e mandada pregar por Pilatos, na imagem que vira numa ilustração da grande bíblia na sala; tardes de minha infância, naquele período edênico que antecede à entrada na vida escolar, e que hoje as crianças não conhecem mais, eram embaladas por contação de histórias, sofredamente improvisadas pela minha velha babá, Catarina, a quem eu chamava, com toda justiça, de “mãe Ina” - uma senhora meio negra, meio bugra, que havia sido empregada na casa dos meus avós e que, passou a trabalhar na nossa casa, quando nasci.

Na minha perspectiva de criança pequena, as pernas de Catarina lembravam os troncos nodosos que se enrugavam na base do velho cedro que havia no meio da rua de cima, calçada com paralelepípedos. O cedro ainda está lá, na Benedito Pinto, poupado certamente por um homem bom, que abria ruas sem derrubar árvores. No tronco havia um olho, cicatriz de algum galho amputado, que era exatamente como o olho enrugado que eu via no ossinho do tornozelo de Catarina. Seus pés, com dedos gordos e unhas cascudas e deformadas em chinelos havaiana, desgastados até ficarem, nas bordas, com a espessura de uma folha de papel, eram como os pés dos elefantes. Quantas vezes, em tardes de chuva forte, uma trovoadas assustadora me fez buscar abrigo junto àqueles troncos, para o seu horror, debaixo de sua saia.

Catarina provavelmente nunca havia ido ao cinema. No entanto, foi ela quem me ensinou que era melhor fechar as venezianas da sala para ver os filmes da “sessão da tarde”. E, embora não conhecesse o termo “psicologia infantil”, era a única que conseguia me fazer comer tudo, graças a uma tática que consistia em dividir a comida no meu prato em quatro “colônias”, que eu comia extasiado por vê-las desaparecer uma a uma.

Acabada a sessão da tarde, queria que Catarina lesse para mim. Lá estava eu, escalando a estante da biblioteca, puxando uma edição ilustrada de Robinson Crusóe e a colocava no colo de Catarina, sentava-me ao seu lado, ávido para ouvi-la contar o que, afinal, estava escrito naquelas páginas, algo que explicasse o que aquele homem, na capa do livro, estava fazendo com o papagaio no ombro, que praias eram aquelas, o que ele estava vendo ao longe, com a mão acima dos olhos e postura destemida? Catarina folheava o livro e se detinha nas páginas em que havia ilustrações. Descrevia as imagens pormenorizadamente, e improvisava alguma narrativa sobre elas: “aqui o homem sentou, porque está cansado. O papagaio está conversando com ele...” Não era bem o que eu esperava, e, embora ainda não soubesse ler, podia jurar que ela estava inventando em vez de ler. O fato é que eu não sabia que Catarina também não sabia ler. Assim ficávamos em torno de Robinson Crusóe, que, por sinal, nunca li. Foi assim o início da minha vida com os livros, aos pés de Catarina, pés de elefante e pernas de troncos centenários, que não sabia ler, mas sabia improvisar; e que ficou para sempre em minha memória como uma mulher gigante.

Meu primeiro formaldeído

por Vanessa Locatelli Pietrobelli

Poderia amar Salvador Dalí mesmo se conhecesse apenas “A Persistência da Memória”. [Imagine conhecendo “Girafa em Chamas”, então!].

É que ele soube que o primeiro formol a gente nunca esquece. Nem a primeira borboleta azul. Tampouco o primeiro sutiã.

Eu poderia sonhar com aqueles relógios derretidos mesmo no sono às sete da manhã. Ainda assim, sorriria e morreria de riso frouxo, quando acordasse. Acontece que se eu fizesse poemas com tintas, seria na linguagem de Dalí que os expressaria.

Meu primeiro modelo humano parecia Quintana, mais gordo e solitário na cama gélida do seu hotel. A despeito da epiderme dissecada e dos músculos separados, juraria haver visto o coração frio de Augusto dos Anjos no corpo do meu Quintana solitário, na mesa de metal. Não fosse o formol (impregnou-se na minha memória feito os relógios teimosos de Dalí), teria até escrito um poema.

Com um pouco mais de esforço, poderia até ter composto uma elegia pra “Persistência da Memória”, lamentando a sua fidedignificância com a vida. Pena que prefira versos livres.

Quando durmo, com a boca aberta, tenho receio de que as formigas saiam de cima do relógio de bolso de Dalí e entrem na minha cavidade orofaríngea. Tenho medo de que elas tentem roubar as migalhas das minhas imaginações.

Afinal, o tempo que ameaça se desfazer em cadáveres e relógios, acaba persistindo nas memórias e nos formaldeídos da vida.

Paliativos

por Vanessa Locatelli Pietrobelli

Não me peças para ouvir I Don't Like Mondays. Nem qualquer outra coisa que me faça terna. Não me peças para cantar, no chuveiro, aquelas canções tristes que tu ensinaste para eu ter olhos de neblina. Nem peças que eu fale sobre minha rotina para tu fingires apreço. Se quiseres, peça-me pra não sentir nada. Peça-me ausência, que responderei. Mas, por favor, não me peças para escrever um poema com o teu nome, daqueles em que a dedicatória diz mais que o primeiro verso. Se quiseres, peça-me para escrever um haicai de despedida, daqueles em que três redondilhas dizem o necessário, e só. E se quiseres, também, peça uma xícara de chá verde, daquelas com gosto de ócio e mentira, para lembrares que as madrugadas ainda se tecem sobre esses paliativos. É fundamental que não me peças um conjunto novo de talheres, nem lasanhas pré-cozidas para alimentar tua glicólise (experimenta um pouco de jejum, tu, também). Mas, se quiseres, peça-me um copo vazio para teres certeza de que haverá espaço para armazenar tuas lágrimas. Também, solicita um atestado de embriaguez para a escusa do choro. Só não me peças para sentar ao teu lado e alisar teus cabelos escuros, feito em outros tempos. Nem me peças para ler Bukowski à tua cabeceira, que não quero ouvir teu riso irônico. Não aguardes que o inverno chegue cedo para tu acenderes a lareira. Nem me peças para levar a lenha, que nesse frio serei só minha. Mas, se quiseres, empresto o cobertor fino que no último inverno adquiriu o primeiro rasgo. Não me peças datas insignificantes. Nem as que significam, que os calendários morreram no último abril. Se for espontâneo, contudo, peça-me pra ficar em silêncio e conta-me o século XVII, fato a fato. Só não me peças aulas de literatura para que eu não caia nas armadilhas das palavras, à tua

frente. Nem me fales frases bonitas, que a ternura é assaz digna para ser inverdade. Se quiseres, podes acender um cigarro, que o tabaco, quase sempre, cura a culpa. Só não me peças o fósforo. Que este já esgotou no saldo líquido dos meus paliativos.

Croniconto

por Vanessa Locatelli Pietrobelli

Coisa difícil essa de distinguir um tipo textual do outro. Irrita quem escreve, confunde quem lê.

Scliar disse que o escritor tece seus registros partindo sempre da autobiografia. Disse que isso não é ruim. Mas, pode ser chato. Creio estar caminhando para a chaticice. Usar o gerúndio já é evidência disso, dir-me-ia aquela antiga professora de redação.

Fato é que não desejo dar à luz uma redação e, por isto, devia ser livre para escrever na forma verbal que me desse vontade. Aquela professora, contudo, ainda assombra meus vícios literários. Devia ter prestado menos atenção nas aulas. Se tivesse feito, hoje, seria um ser comum e conseguiria escrever “faz com que” sem sentir calafrios na espinha. Maldito dia em que descobri que fazer é verbo transitivo direto. Mas, se Mário de Andrade pode inventariar a intransitividade de “amar”, hei de ser perdoada por algum deslize.

No fim das contas, o que importa é que me sento à página em branco e decido que nascerá uma crônica. Coisa nenhuma. Da chegada ao ponto final, não me caibo em distinguir se o feito é crônica, conto, poema ou aberração. Alguns acham graça, bem sei. A mim, restam os cabelos brancos.

Nessas horas, não raro, conta-se com alguns leitores mais apurados (ou não), os quais indagam, piamente e quase epiléticos, qual a tipagem do texto lido. Há poucos dias, deparei-me com um desses, espécime petulante, afobado. Mas, confesso, rendeu-me boas incursões pela escrita e emprestou-me umas metáforas. Disse-me: tu fazes cronicontos. Rebatí, convicta, que fazia crônicas (deveria zelar, afinal, pela minha dignidade literária). Continuou a dizer que eu fazia cronicontos, o maldito.

A essa altura, presa às falácias da madrugada e regada a muitas xícaras de *Camelliasinensis*, rendo-me àquele leitor. Sofro do pecado de tecer cronicontos. Criei meu próprio monstro, confesso. Já disse o cantor, um dia terei de acertar minhas contas com o diabo.

1930

por Vanessa Locatelli Pietrobelli

Há um ano nesta rua e somente há poucos dias notei que uma das casas, em frente ao meu prédio, tem inscrito na sua face o número 1930.

Não quero e nem pretendo bancar as epifanias de Clarice, no entanto, como pude sobreviver um ano inteiro sem notar aquela residência? Logo as casas velhas que sempre me desatinam filosofias!

Não pude estar feliz no dia em que notei aqueles números. Abri a porta do apartamento cabisbaixa e entupi a rede de esgoto do meu corpo de café. Dezenas de tipos de reações químicas e de doenças virais me esperaram a noite inteira nos cadernos de aula. Não os pude abrir.

Sentei-me no braço do sofá e passei horas da madrugada fitando a fachada da casa, através do vidro sujo da janela da minha sala de estar. A cidade é um monstro com pés e braços e muitos olhos que nos vigiam constantemente. Talvez, por isto, eu tenha estado movida pela casa de 1930, que suponho ser o ano em que fora construída.

Há um ano nesta rua e somente há poucos dias descobri a senescência dos asfaltos, dos cimentos? Tal fato não mereceria a ameaça de suicídio de uma unha, de um anel, de uma veiazinha sequer do meu braço esquerdo?

Não fui capaz de dormir. A noite, pela janela desta cidade, deixa os trovões mais altos, a chuva mais fria e o esgoto mais cheio. As casas senis apodrecem junto de nós: a hera, os plásticos, as vitrines.

1930 despedaça todos os dias com o seu homem calvo, comigo e com as lesmas. 1930 também foi o ano de Getúlio. Mas o que sabem as casas e os poetas de política?

Há um ano nesta rua e só há poucos dias notei-me.

Os Autores

Alerte Maria Lodi

Professora do ensino municipal estadual em Passo Fundo.
Com formação em Matemática e Física.

Ana Maria Baibich Melnick

Psicóloga, colaboradora do Projeto Passo Fundo.

Anne Scher

Escritora. Com o pseudônimo de Anne Scher, escreve crônicas para periódicos da cidade e também é cronista da Revista Contato-VIP, em coluna denominada “Sensivida – Crônicas Sensíveis sobre a Vida”, conduzindo o leitor a “ler” a vida com outros olhos e sensações. Já possui duas obras finalizadas, em que, na modalidade “Conto”, convida o leitor a se envolver em histórias lúdicas baseadas em assuntos que fazem parte do cotidiano da vida das pessoas.

Carlos Job

Professor. Em teatro, atua como diretor de produção, ator e autor. Contista e poeta. Colaborador no Projeto Passo Fundo. Participante das Coletâneas 2013 do Projeto Passo Fundo.

Celso Menegaz

Empresário, colaborador do Projeto Passo Fundo.

Diego Chimango Vargas

Amante do conhecimento, dedica-se à pesquisa histórica de Passo Fundo e Rio Grande do Sul. Colaborador do Projeto Passo Fundo, Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo. Foi diretor de redação do Jornal e Revista Sonar. Ilustrador tem seus trabalhos incluídos em diversos livros de autores Passo-fundenses e da região do planalto médio gaúcho. Acadêmico do curso de ciências jurídicas e sociais da Faculdade Anhanguera de Passo Fundo.

Elisa Frana

Acadêmica de Medicina, colaboradora do Projeto Passo Fundo.

Francisco Carlos dos Santos Filho

Psicólogo, colaborador do Projeto Passo Fundo.

Gilberto Borges Bortolini

Médico, colaborador do Projeto Passo Fundo.

Gilberto R. Cunha

É engenheiro-agrônomo (1985), Mestre (1988) e Doutor (1991) pela Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisador da Embrapa, desde agosto de 1989. Em 2001, ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras e, em 2009, foi patrono da 23ª Feira do Livro de Passo Fundo. Foi Chefe-Geral da Embrapa Trigo, de 1º de março de 2006 a 5 de setembro de 2010. É autor da série de livros Meteorologia: Fatos & Mitos (1997, 2000 e 2003), Cientistas no Divã (2007), Galileu é meu pesadelo (2009) e A ciência como ela é..., de 2011, obra finalista do Prêmio Açorianos de Literatura 2012; além de ter sido editor de diversos livros sobre história e tecnologia de produção de trigo no Brasil. Foi presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2014-2016. É colunista do Jornal O NACIONAL desde 1995, com contribuições semanais sobre ciência e literatura.

Jéssica Limberger

Acredito no poder das palavras, como psicóloga e como escritora. Possuo publicações nos livros *Crônicas Faquianas III* e *Crônicas Faquianas IV*, além de capítulos nos livros “Intercâmbio das Psicoterapias” e “Teoria Social Cognitiva no contexto da saúde, escola e trabalho”. O conto *Vi(vendo) a cultura*, de minha autoria, foi premiado na 14ª Jornada Nacional de Literatura.

Jorge Alberto Salton

Psiquiatra; formado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); especialista e mestre em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo (UPF). Escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

José Carlos Ramos Berton

Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.

Juliana Santos

Advogada, colaboradora do Projeto Passo Fundo.

Marco Antonio Damian

Historiador. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

Marlene Kremer

Não tem a honrosa pretensão de se denominar poeta. Costuma, apenas, brincar com as palavras que a atraem; muito embora, algumas vezes, é traída por elas.

Miguel Augusto Guggiana

Nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário do ramo imobiliário. Colaborador assíduo no Projeto Passo Fundo e autor do livro “Garçom, a saideira!” sucesso de venda e crítica.

Moacir Luís Araldi

Colaborador no Projeto Passo Fundo. Autor dos livros Cabernet e Interlúdios. Organizador da Coletânea de poemas 2017. Organizador da Antologia Encontro (2018)

Piti Ochoa Ughini

Professora, colaboradora do Projeto Passo Fundo.

Roque Gilberto Annes Tomasini

Agrônomo, autor dos livros: Utensílios e ferramentas utilizados pelos emigrantes da Itália no Sul do Brasil de 2015; Escola na natureza: roteiros de educação e recreação ambiental de 2016; Terceira Idade na Natureza de 2016; Maria, a mosca e o lixo de 2016; Família Tomasini: história e causos de 2016; Genealogia da família Annes: genealogia dos descendentes de José Annes Lopes: 12/11/1888 de 2016; colaborador do Projeto Passo Fundo.

Samuel Schneider

Professor, escritor, historiador e advogado;

Sueli Gehlen Frosi

Estudou no colégio Notre Dame e no Instituto Educacional. Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade de Passo Fundo e Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier. Escritora. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradora no Projeto Passo Fundo. Autora do livro “Compaixão”.

Tânia Du Bois

Residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Colaboradora no Projeto Passo Fundo. Autora dos livros *Amantes nas Entrelinhas*, *O Exercício das Vozes*, *Autópsia do Invisível*, *Comércio de Ilusões*, *O Eco dos Objetos – cabides da memória*, *Arte em Movimento*, *Vidas Desamarradas*, *Entrelaços*, *Eles em Diferentes Dias* e *A Linguagem da Diferença*.

Tiago Ribas

Colaborador do Projeto Passo Fundo

Vanessa Locatelli Pietrobelli

Nasceu em 1995, em Constantina, RS. Acadêmica de Medicina e poeta. Desde os 16 anos ocupa a cadeira de número 52, na Almurs (Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul). Participou das antologias *Fatos, histórias e contos do meu município I e II*, *Edições Caravela*; *100 Poemas 100 Poetas e Cantos Seletos*, *LiteraCidade*; *Dispersos de Maria Pequena*, *Projeto Passo Fundo*. Colaborou na elaboração do livro *Constantina – 50 anos de história e histórias*, WS editor. Em 2013, lançou *Faces*, primeiro livro de poemas individual, pela Editora Evangraf; em 2014, obteve a segunda colocação no Prêmio *LiteraCidade*, com o *Entre os silêncios dos meus versos brancos*, publicado pela referida editora.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Jorge Alberto Salton é médico psiquiatra, professor das faculdades de Medicina da UPF e da IMED, cineasta e escritor. Como ficcionista, já publicou: *Só valentes constroem miragens*, *Árvore dos sussurros*, *Chá de garfo*, *Não busques o perfume em um só coração*, *A noite das tartarugas*, *Pássaros do amanhecer* e *Meia tarde na lagoa*. É contista premiado. Entre outros, obteve o primeiro lugar no Concurso de Contos da Associação Brasileira de Psiquiatria e o prêmio Marta Lia Genro Appel do VII Concurso de Contos Prado Veppo, da UFN.

A crônica não é um “gênero maior”. Não gera nenhum Prêmio Nobel. Portanto, é um “gênero menor”. Ainda bem. Pois na sua despreensão, humaniza. Como escreveu Antonio Cândido, “graças a Deus” que a crônica é assim pois, sendo assim, ela fica perto de nós.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

